

Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em História – PPGHis

Caetana de Andrade Martins Pereira

**Práticas discursivas, práticas políticas: a feminilidade
performada no Jornal das Moças (1960)**

Brasília

2013

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História – PPGHis

Caetana de Andrade Martins Pereira

**Práticas discursivas, práticas políticas: a feminilidade performada
no Jornal das Moças (1960)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: História Social; Linha de Pesquisa: Sociedades, instituições e poder).

ORIENTADORA:
Prof^a. Dr^a. Diva do Couto Gontijo Muniz

Brasília, 2013

Caetana de Andrade Martins Pereira

**Práticas discursivas, práticas políticas: a feminilidade performada no
Jornal das Moças (1960)**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Diva do Couto Gontijo Muniz – Universidade de Brasília
Presidente da Banca

Prof^ª. Dr^ª. Valéria Fernandes da Silva – Colégio Militar de Brasília
Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Liliane Maria Macedo Machado – Universidade de Brasília
Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Costa Brochado – Universidade de Brasília
Suplente

Brasília, 11 de março de 2013

À minha tia Rosa

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Rosângela. Pelo carinho, pelo cuidado, pela atenção e presença. Sua generosidade me inspira sempre.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Diva do Couto Gontijo Muniz, pela troca de ideias e constante apoio. Esta dissertação foi possível graças à sua leitura atenta e à sua abertura aos modos possíveis de pensar e produzir historiografias.

À Prof^a. Dr^a. Tania Navarro Swain, por ter me apresentado as “teorias da carne”; um horizonte de possibilidades teóricas que transformaram a minha vida. Serei sempre grata.

À Rosana, por tanto afeto, tanta amizade, tanto aprendizado e troca. Você está aqui comigo, como sempre estive. Muito amor ainda é pouco. Gratidão, amiga.

Às amigas queridas, sempre tão presentes: Ada, Carlinha, Lê Resck, Lê Lima, Rê, Nanda, Karla, Fê, Lari, Semi, Amanda, Simone e tantas outras e outros que estiveram ao meu lado, compartilhando aflições e risadas. A vida fica mais bonita com vocês, obrigada.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise da feminilidade performada na revista *Jornal das Moças*, em exemplares veiculados no ano de 1960. A feminilidade, aqui, será pensada a partir de uma perspectiva que a desnaturaliza e evidencia a historicidade de sua construção. Aponto como as fotografias e textos presentes na publicação atuam como tecnologias produtoras de identidades gendradas e heteronormativas. As revistas são pensadas como tecnologias de gênero, como dispositivos que operam produzindo e promovendo construções binárias, engendrando e hierarquizando os sujeitos sociais. Os gêneros, neste trabalho, não serão percebidos como existentes à priori, mas sim como o conjunto de efeitos produzidos nos corpos por meio destas tecnologias políticas. A feminilidade produzida pela revista constitui um modo de subalternização em que as mulheres são engendradas em discursos heteronormativos, onde casamento e maternidade são interpelações recorrentes. Outro modo de subalternização operado pela revista é a docilização dos corpos que se fazem femininos, através de um constante apelo à correção normatizadora. Um conjunto de pedagogias ensinam que os corpos das mulheres devem ser jovens, esbeltos, e “adequadamente” vestidos.

Palavras-chave: feminilidade, performatividade, revistas femininas, teorias feministas, tecnologias de gênero

ABSTRACT

The present work proposes an analysis of femininity performed in the magazine *Jornal das Moças*, in issues published in the year of 1960. Femininity is hereby regarded from a perspective that desnaturalizes it and demonstrates the historicity of its construction. I point to how pictures and texts presented in the magazine work as technologies producing gendered and heteronormative identities. The magazines are thought of as gender technologies, as devices that operate producing and promoting binary constructions, engendering and hierarchizing social subjects. Genders in this work are not going to be perceived as having a previous essential existence, but as the set of effects produced in bodies by means of these political technologies. The femininity produced by the magazine constitutes a way of subalternizing in which women are engendered in heteronormative discourses, where marriage and motherhood are recurring interpellations. Another way of subalternizing in which the magazine operates is by turning “feminine” bodies docile through a constant appeal to normative correction. A set of pedagogies which teach that the bodies of women must be young, slim and “properly” dressed”.

Key-words: femininity, performativity, women magazines, feminist theories, gender technologies

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1	
HISTÓRIA, FEMINISMOS E PODER	
1.1 - História: saberes contingentes.....	13
1.2 - Teorias feministas e história.....	21
1.3 - Questões de sexo/gênero, tecnologias e poder.....	31
Capítulo 2	
O JORNAL DAS MOÇAS E A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA	
2.1 - O semanário Jornal das Moças.....	40
2.2 - Mulheres de “família”: esposas, “donas de casa” e mães.....	45
2.3 - Jornal das Moças/Jornal da Mulher: algumas considerações.....	60
Capítulo 3	
O CORPO EDUCADO NO JORNAL DAS MOÇAS	
3.1 - O corpo educado.....	63
3.2 - Modas que moldam.....	74
3.3 - Práticas de embelezamento, práticas de rejuvenescimento?.....	82
Considerações Finais.....	89
Referências Bibliográficas.....	92

Introdução

A minha aproximação com as práticas historiográficas e com as teorias feministas se deu por meio de um crescente interesse em questionar as evidências de um modelo de feminilidade que me foi ensinado, desde que consigo me lembrar, como “natural”. Ao me deparar com maneiras outras de se pensar o mundo e as pessoas, com as possibilidades libertárias das teorias e historiografias feministas, percebi que havia encontrado um caminho teórico de especial importância. Percebi os modos de existência pensados como abertos e múltiplos, e não restritos a uma lógica binária que hierarquiza pessoas e que naturaliza opressões historicamente construídas.

Cursar as disciplinas “Teoria e Epistemologia Feminista”, com a Profa. Dra. Tania Navarro Swain, e “História e Historiografia das Mulheres”, com a Profa. Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz, foram fundamentais para o aprofundamento junto a esses temas. O trabalho desenvolvido aqui traz muito do que me foi ensinado, de maneira atenta e cuidadosa, pelas duas professoras. Proponho questionar, analisando a revista *Jornal das Moças*, a naturalização de uma feminilidade que é historicamente construída, mas que é dada como “natural”, e reiterada repetidamente na publicação.

Busquei nesta dissertação, ao me deparar com o recorte de textos e imagens da revista, traçar indícios da feminilidade performada em suas páginas, evidenciando, deste modo, sua constituição. Procuo organizar esta proposta nos três capítulos desenvolvidos aqui. No primeiro capítulo, me detenho à fundamentação teórica de modo geral. A idéia é mostrar a localização do meu objeto de pesquisa no campo historiográfico, e explicitar o aporte teórico utilizado. Pensando as práticas historiográficas como contingentes, me coloco, juntamente com o meu objeto, como efeito das condições de possibilidade que me atravessam.

Ainda no primeiro capítulo, proponho tecermos algumas considerações que se configuram importantes a respeito de algumas propostas teóricas feministas. Pretendo pensar a construção política dos sujeitos sociais, questionar a visibilidade das mulheres e de suas historiografias, desconstruir hierarquias fundamentadas em relações binárias e desiguais de poder. Abrir o campo de possibilidades para historiografias múltiplas e plurais.

Para pensarmos nas possíveis escritas de histórias localizadas fora dos âmbitos androcêntricos da produção historiográfica, faz-se necessário desconstruir categorias como “mulheres” e “homens”, e mostrar como as mesmas são construídas e legitimadas. Nesse sentido, termino o primeiro capítulo expondo as categorias de análise que utilizo para evidenciar a construção da feminilidade no *Jornal das Moças*. Proponho pensar a feminilidade como ato performativo, como estilizações corporais constituídas e reiteradas pela publicação. Proponho também pensar a revista como tecnologia do gênero, como uma tecnologia que atua produzindo e atualizando efeitos de poder, binarizando e hierarquizando corpos e identidades.

Entendendo as práticas discursivas da revista como práticas regulatórias, que instituem modos de “ser mulher” por meio de notas e imagens, questiono uma normatividade produzida historicamente mas dada como “natural” pela publicação. Trago a noção foucaultiana de poder para me ajudar a pensar nos efeitos produtivos e materializadores do poder regulatório, para pensar os corpos como efeitos materiais das normas que governam sua materialização.

O segundo capítulo tem início com uma descrição do *Jornal das Moças*, apontando as suas seções permanentes. Exponho e justifico o recorte de análise proposto por este trabalho: as capas e o suplemento “*Jornal da Mulher*”. Nestes espaços encontramos, em imagens e textos, temas considerados pela revista como de suposto interesse das mulheres, mas que performam uma imagem específica de feminilidade. Assim, a publicação constrói um sujeito “mulher” que parece pressupor e representar. Uma série de conselhos e “novidades” a respeito de práticas de embelezamento, moda, e assuntos relativos à maternidade e ao casamento compõem o campo de temas desenvolvidos em suas páginas.

Também neste capítulo, analiso a heterossexualidade como pressuposto da publicação. Aqui encontramos analisados os que, nas palavras da revista, constituem “os assuntos de especial incumbência da mulher: o cuidado do lar, a maternidade, o bem estar da família, a educação dos filhos”¹. O *Jornal das Moças* se coloca abertamente como uma revista para a “família”, com uma proposta moralizante e “nos moldes antigos”. Desconstruir a naturalização destas que são consideradas “vocações femininas” é o que proponho aqui.

A heterossexualidade compulsória aparece, então, como conceito-chave para nos ajudar a entender e a desconstruir as evidências desses “assuntos de especial incumbência da

¹ *Jornal das Moças*, 07/04/1960, p.24.

mulher”. Pensando a heterossexualidade como uma norma sociocultural naturalizada, pretendo questionar a orientação sexual heterossexual, o casamento e a constituição da família como condições “essenciais” das pessoas, e pensa-los como construtos histórico-culturais.

No último capítulo, analiso como as práticas normativas veiculadas pela publicação são pedagogias de gênero que atuam fundamentalmente na educação (normalizante) dos corpos – refiro-me aos corpos que as imagens e os textos da revista performam como femininos. Para além das funções sociais de esposa, mãe e “dona de casa”, mulheres são também forjadas através de imagens e textos que ensinam como devem ser e, principalmente, *parecer* uma mulher. Proponho trazer aqui a análise dos corpos delineados a partir de práticas, o significado político de seus limites e contornos.

Para tal, divido este último capítulo em três partes. Na primeira parte, discuto como o *Jornal das Moças*, como tecnologia do gênero, atua construindo modos de ser e estar no mundo, repetindo e reiterando padrões normativos de feminilidade. Penso o gênero como efeito que se produz pela estilização do corpo, e que deve ser entendido, como propõe Judith Butler, “como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero”². Como tecnologia do gênero, a revista engendra normas e saberes; materializa corpos que constituem efeito produtivo do poder regulatório.

Encarnando marcas de feminilidade como “discrição”, “elegância”, esbelteza, o *Jornal das Moças* atua pedagogicamente mostrando como as mulheres devem ser – e parecer, definindo a cor da pele, peso, medidas, poses, e gestos. A moda aparece como parte importante deste processo, ao demarcar espaços permitidos e proibidos. É o que será discutido na segunda parte do capítulo. Por meio do uso de saltos altos, que impedem as mulheres de correr, ou do uso de bolsas, que mantém sempre ocupadas as mãos, ou mesmo do uso de saias, que desencorajam determinados modos de sentar, os movimentos e espaços das mulheres são demarcados e restringidos.

As práticas de embelezamento, como o uso de produtos ou “receitas” de beleza, constituirá o tema da última parte. Aqui proponho questionar um atributo da feminilidade na revista que apareceu de maneira frequente nos textos e imagens analisados: a juventude. Trago

² BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.200.

para este debate Tania Swain, e o seu questionamento da juventude/velhice como categorias binárias e excludentes³. Proponho pensá-las nesta revista como a autora, como categorias sociais inscritas na lógica binária hierárquica que define e significa corpos. Pensá-las como categorias normativas que constroem estes corpos, instituindo práticas e delimitando modos de existência.

As práticas de embelezamento (e de rejuvenescimento) se mostram práticas historicamente construídas, engendradas nos discursos da revista e que atuam construindo e atualizando sentidos relativos à este “ser mulher”. Tecnologias da feminilidade, como o Jornal das Moças, atuam “aperfeiçoando” um corpo que se presume incorreto – é ensinado que o envelhecimento pode ser freado através da apropriação de determinadas práticas, bem como nos desdobramentos da indústria da beleza e da juventude.

Nas considerações finais, procuro pensar as teorias feministas como estratégias de resistência; como um *locus* de fuga aos processos de normatização engendrados pelas tecnologias midiáticas e institucionais. “Teorias da carne”, onde o pessoal aparece indissociável do político. Se percebemos que “ser mulher é um fenômeno social e histórico”⁴, e que práticas discursivas e não-discursivas podem nos aprisionar em modos de existência subalternos, podemos criar em nossos corpos e sensibilidades um lugar de resistência à estes aparatos regulatórios.

Penso que a análise da feminilidade performada no Jornal das Moças propõe uma reflexão crítica às práticas pedagógicas a que somos submetidas incessantemente. Práticas, estas, atravessadas de historicidade. A produção de análises críticas à estas tecnologias diversas é um exercício necessário a historiadoras/res comprometidas/os com a transformação do mundo, e penso a presente dissertação como um instrumento ativo desta transformação.

³ SWAIN, Tania Navarro. *Velha, eu? Auto-retrato de uma feminista*. 2006. Disponível em <http://www.tanianavarrowswain.com.br/chapitres/bresil/velha.htm>, em outubro de 2012

⁴ WEEDON, Chis. *Feminist Practice and Poststructuralism Theory*. Oxford: Blackwell, 1997, p.175.

Capítulo 1

História, feminismos e poder

1.1- História: saberes contingentes

Para analisar o processo de construção histórica da feminilidade na revista *Jornal das Moças*, pretendo apresentar, antes de mais nada, uma localização do objeto, ou seja, situá-lo no campo do saber histórico, problematizando-o à luz das categorias de análise a serem utilizadas. Entendo aqui a construção dos objetos históricos dentro de uma perspectiva foucaultiana, onde os mesmos são constituídos como efeitos de práticas sociais discursivas e não discursivas, recortados pela/o historiadora/r e compreendidos como parte de um conjunto de conceitos também construídos culturalmente. Proponho tecermos, primeiramente, certas considerações sobre a história⁵, e em seguida considerações sobre alguns pensamentos e propostas teóricas feministas, para compreendermos melhor as questões da feminilidade e seus processos constitutivos.

De início, pretendo pensar a respeito de um incômodo que atinge a história (ao menos como ela tem sido pensada no “ocidente”) ao questionar a sua própria condição enquanto disciplina do conhecimento. Iara Lis Schiavinatto localiza esse mal-estar num insistente interrogatório sobre sua constituição, no movimento da história de olhar-se e saber-se discurso que disciplina algum acontecimento. Pensando também a própria prática discursiva historiográfica como um acontecimento; um acontecimento que vai se colando a outro, e assim se arranjando e criando sentidos para o acontecido⁶.

Trata-se de um debate incluso no movimento crítico que repensa a disciplina; um debate que problematiza o saber historiográfico como um saber que não é dado nem

⁵ A história, embora eu use aqui a palavra no singular, é plural. Utilizo-a no presente trabalho ora para me referir à disciplina, ao campo de conhecimento, ora para me referir ao conjunto de práticas historiográficas, às historiografias múltiplas e contingentes, que podem ser muito diversas entre si. A história, singularmente, não existe; o que existe são histórias, em muitos lugares-tempo, narradas a partir de suas condições de possibilidade.

⁶ SCHIAVINATTO, Iara Lis. *Falar de um incômodo não é falar mal*. In: SILVA, Zélia Lopes da (org). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, p.23.

descoberto, mas construído e em permanente construção, operação esta da qual participamos. Sob tal perspectiva, cabe às/aos historiadoras/es, também, a tarefa de desconstrução, de desnaturalização do objeto, de modo a mostrar que o mesmo não é “natural”, mas culturalmente produzido, ou seja, constituído histórica e historiograficamente. Daí o argumento de que a noção de história fundamenta toda a atualidade: possivelmente nenhuma identidade social poderia narrar-se, apresentar-se em nossos dias, sem se submeter à idéia de história⁷.

Nesse sentido, é possível identificar a crise dos estruturalismos emergente nos anos 1970 para pensar o estado atual das discussões em história social. A crise estaria relacionada a uma importante consciência de que os comportamentos e realidades sociais não mais se acomodavam às limitações dos modelos preestabelecidos, e à necessidade de se pensar alternativas a estes modelos. A história social se redimensiona, então, no esforço de fornecer respostas frente a questões que aumentavam, mudando o foco para a problemática da construção das identidades sociais (e das relações que engendravam) no lugar das abordagens até então utilizadas, que privilegiavam as posições sociais e estruturas hierárquicas⁸.

A perspectiva adotada se tornou responsável por levar a história social a valorizar gradualmente as análises socioculturais sobre os aspectos socioeconômicos, valorizados até então; os sujeitos históricos passam a ser compreendidos na história e não fora dela, isto é, no interior das relações sociais e culturais. Há, se pensarmos nessa direção, uma percepção dos conflitos e das dinâmicas históricas como diretamente relacionadas às relações de poder. Segundo Hebe Castro, uma história cultural do social tenderia a substituir as abordagens clássicas em história social da cultura, problematizando e politizando as noções de sujeito e de poder⁹.

O objeto histórico, pensado desta maneira, deixa de ser definido por uma força transcendente, por um “ente que foge à nossa compreensão”, e se mostra tecido nas diversas

⁷ SCHIAVINATTO, Iara Lis. *Falar de um incômodo não é falar mal*. In: SILVA, Zélia Lopes da (org). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, p.23.

⁸ CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.50.

⁹ CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.53.

tramas sociais que o constituem¹⁰. É destituído do senso comum (afirmações pautadas no “desde sempre”, que possuem validade universal) e do dado natural, da “natureza”, que por si mesma seria indubitável. O próprio discurso é questionado, deslocando-se da relação texto/contexto (onde o texto sempre se remeteria ao contexto, e o contexto seria considerado um espelho do real).

O trabalho das/os historiadoras/es, neste caso, consiste em analisar o documento de modo a mostrar sua historicidade, a acessar as tramas nas quais ele se enreda – o passado não é enquadrado ou apagado, mas sim “incorporado e modificado, adquirindo, dessa maneira, vida e sentido novos e diferentes”¹¹. “Assim, a historicidade possível passa a ser aquela que reconhece abertamente a sua própria identidade discursiva e contingente”¹².

Michel Foucault, como parte deste movimento, faz a crítica ao que se poderia chamar de “modo tradicional de se fazer história”, propondo uma inversão metodológica – das práticas para o objeto –, e também uma concepção de documento como acontecimento discursivo. Para o filósofo,

(...) Nada de mal-entendidos: é claro que, desde que existe uma disciplina como a História, temo-nos servido de documentos, interrogamo-los, interrogamo-nos a seu respeito; indagamos-lhes não apenas o que eles queria dizer, mas se eles diziam a verdade, e com que direito podiam pretendê-lo, se eram sinceros ou falsificadores, bem informados ou ignorantes, autênticos ou alterados. Mas cada uma dessas questões e toda essa grande inquietude crítica apontavam para um mesmo fim: reconstituir, a partir do que dizem estes documentos – às vezes com meias palavras –, o passado de onde emanam e que se dilui, agora, bem distante deles; o documento sempre era tratado como a linguagem de uma voz agora reduzida ao silêncio: seu rastro frágil mas, por sorte, decifrável. (...) ¹³

Foucault chama a atenção para a necessidade de se desligar a história da imagem (ainda tão presente) de uma memória milenar e coletiva que se servia de registros materiais

¹⁰ SCHIAVINATTO, Iara Lis. *Falar de um incômodo não é falar mal*. In: SILVA, Zélia Lopes da (org). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, p.25.

¹¹ SCHIAVINATTO, Iara Lis. *Falar de um incômodo não é falar mal*. In: SILVA, Zélia Lopes da (org). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, p.28.

¹² Idem, *ibidem*.

¹³ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 6ª Edição, 2002, p.07.

para reencontrar o frescor de suas lembranças. Segundo o filósofo, “o documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, *memória*; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar *status* e elaboração à massa documental de que ela não se separa”¹⁴. O autor aponta as transformações ocorridas na disciplina:

(...) Ora, por uma mutação que não data de hoje, mas que, sem dúvida, ainda não se concluiu, a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial (...) não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no seu interior e elaborá-lo; ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. (...) ¹⁵

Dessa maneira, a/o historiadora/r fabrica seu objeto de estudo, selecionando-o, recortando-o, elaborando-o. E desnaturaliza-o, percebendo a sua constituição em um dado momento, numa dada configuração de forças e saberes, se relacionando com esta mesma configuração. Os objetos históricos se mostram, desta maneira, objetos políticos.

Neste modo de ver e de pensar a história, sua escrita pressupõe uma problematização a partir do seu interior, dos seus modos de produção. Buscando nos documentos seus possíveis sentidos, questionando o seu lugar de fala, as/os historiadoras/es constroem narrativas marcadas por um saber em construção, contingente. Pensando o documento não mais como o reflexo do acontecimento, mas como um acontecimento outro, o percebemos como prática discursiva, como uma materialidade constituída por camadas sedimentadas de interpretações¹⁶. Assim, as/os historiadoras/es são “obrigados a prestar a atenção ao discurso, à maneira pela qual um objeto histórico é produzido discursivamente e à própria narrativa que constroem ou reproduzem”¹⁷.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 6ª Edição, 2002, p.08.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 6ª Edição, 2002, p.07.

¹⁶ RAGO, Margareth. *A História repensada com ousadia*. In: JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2004, p.11.

¹⁷ Idem, *ibidem*.

A análise do campo discursivo, segundo Foucault, seria orientada de modo a compreender o enunciado na singularidade de sua situação. Determinar as condições de sua existência, estabelecer correlações com os outros enunciados a que pode estar relacionado, e, ao mesmo tempo e neste mesmo movimento, mostrar que outras formas de enunciação exclui. A intenção é mostrar porque este discurso não poderia ser outro, e de que maneira ocupa, se relacionado a outros discursos, um lugar que nenhum outro poderia ocupar¹⁸. “A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?”¹⁹. Neste trabalho, a análise das práticas discursivas do *Jornal das Moças* se desenvolverá nesse sentido: pretendo pensar a feminilidade como acontecimento discursivo, como historicamente contingente e não como um “fato natural”.

De acordo com o historiador, por menos importante que o imaginemos, por mais banal que possa parecer, um enunciado é sempre um acontecimento. Acontecimento este que nem a língua nem o sentido esgotam completamente. E se isolamos a instância do acontecimento enunciativo, é para que seja possível apreender formas de regularidade, tipos de relações; relações entre enunciados ou grupos de enunciados, bem como acontecimentos de ordem diferente (econômica, social, ou política, por exemplo). “Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações”²⁰.

A análise das práticas discursivas pressupõe recortes que disponibilizariam uma multiplicidade de posições e funções possíveis, onde os discursos aparecem como séries regulares e distintas de acontecimentos²¹. Nesse sentido, para uma desnaturalização do objeto, as/os historiadoras/es não devem trabalhar a partir de um objeto previamente dado mas a partir das práticas sociais que os engendram como tal. É o que pretendo aqui, ao analisar

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 6ª Edição, 2002, p.31.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

²⁰ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 6ª Edição, 2002, p.33.

²¹ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 9ª Edição, 2003a, p.59.

discursivamente a revista *Jornal das Moças*. Que feminilidade está sendo performada em suas páginas? O que as fontes nos dizem sobre esta construção de sentidos? Pretendo desnaturalizar a feminilidade, mostrar como ela é historicamente construída e como é constantemente reafirmada por meio das práticas discursivas instituídas pela revista.

Nas palavras de Paul Veyne, “o objeto não é senão o correlato da prática”²². “Os objetos parecem determinar nossa conduta, mas, primeiramente, nossa prática determina esses objetos. (...) A relação determina o objeto, e só existe o que é determinado”²³. Em *Foucault revoluciona a história*, o autor explica o impacto causado pelo filósofo na disciplina e mostra que seu método consiste em compreender que as coisas não passam das objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não as concebe²⁴. Para o historiador,

Substituamos, pois, essa filosofia do objeto tomado como fim ou como causa por uma filosofia da relação e encaremos o problema pelo meio, pela prática ou pelo discurso. Essa prática lança as objetivações que lhe correspondem e se fundamenta nas realidades do momento, quer dizer, nas objetivações de práticas vizinhas. Ou melhor dizendo, (...) atualiza as virtualidades que estão prefiguradas no molde; se as práticas vizinhas se transformam, (...) a prática atualizará essas novas virtualidades e não será mais a mesma.²⁵

Segundo Paul Veyne, na história, tudo depende de tudo; as coisas só existem materialmente; existência, essa, sem rosto, se ainda não objetivada. Dialogando com o pensamento foucaultiano, o historiador igualmente atenta para as falsas continuidades, as práticas discursivas e não discursivas configuradoras dos objetos históricos:

Aí está, pois, um universo inteiramente *material*, feito de referentes pré-discursivos que são virtualidades ainda sem rosto; práticas sempre diversas engendram nele, em pontos

²² VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 250.

²³ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 249.

²⁴ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 254.

²⁵ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 259.

diferentes, objetivações sempre diversas, rostos; cada prática depende de todas as outras e de suas transformações, tudo é histórico e tudo depende de tudo; (...) longe de depender de nossa consciência, esse mundo a determina. Primeira consequência: tal referente não tem tendência a tomar esse ou aquele rosto, sempre o mesmo, a vir a ter tal objetivação, Estado, loucura ou religião; é a famosa teoria das descontinuidades: não existe “loucura através dos tempos”, religião ou medicina através dos tempos. (...) Em resumo, em uma certa época, o conjunto das práticas engendra, sobre tal ponto material, um rosto histórico singular que acreditamos reconhecer o que chamamos, com uma palavra vaga, ciência histórica, ou, ainda, religião; mas, em uma outra época, será um rosto particular muito diferente que se formará no mesmo ponto, e, inversamente, sobre um novo ponto, se formará um rosto vagamente semelhante ao precedente. Tal é o sentido da negação dos objetos naturais: não há, através do tempo, evolução ou modificação de um mesmo objeto que brotasse sempre no mesmo lugar. Caleidoscópio e não viveiro de plantas. Foucault não diz: “De minha parte, prefiro o descontinuo, os cortes”, mas: “Desconfiem das falsas continuidades”.²⁶

Desta maneira, falsos objetos naturais (como, por exemplo, a religião) agregariam elementos muito diferentes que seriam, em outras épocas, ventilados por práticas muito diferentes e objetivados por elas sob fisionomias muito diferentes. “Como diria Deleuze, as árvores não existem: só existem rizomas”²⁷. O grande problema que se coloca, então, às análises históricas, não é mais o de saber por quais caminhos as continuidades puderam se estabelecer, de que maneira um mesmo projeto pode se manter e constituir um horizonte único. “O problema não é mais a tradição e o rastro, e sim o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos”²⁸.

A partir de tais teorizações, entendo que não existe uma feminilidade “através dos tempos” como se fosse um mesmo objeto que se modificou ou que evoluiu. Compreendo a feminilidade como um conjunto de práticas diversas (como as da revista *Jornal das Moças*) que engendram um rosto histórico singular, objetivações que escrevo e analiso nesta dissertação. Questiono, ao longo deste trabalho, a continuidade e a naturalização de uma feminilidade que nos é mostrada em imagens e textos da revista *Jornal das Moças*, cujas fotos

²⁶ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 268-269.

²⁷ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 269.

²⁸ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 6ª Edição, 2002, p. 06.

e notas trazem modelos de *como as mulheres devem ser*. Proponho, assim, uma história-problema, ao invés de investigar a feminilidade como fixa e “natural”.

1.2- Teorias feministas e história

As teorias feministas²⁹ que trago para este trabalho propõem uma crítica à continuidade e fixidez de corpos e identidades, às categorias universalizantes dos sujeitos, e denunciam o caráter hierárquico das práticas de gênero. Produzir análises e teorias que se proponham a questionar a fixidez de categorias como mulheres e homens, significa assumir e trabalhar com os questionamentos teóricos de ruptura e de descontinuidades históricas.

A crítica feminista tem analisado como as categorias de sexo/gênero têm historicamente influenciado conceitos como o de conhecimento, sujeito, e ciência. “O pensamento historicista substituiu a linearidade evolutiva de um processo histórico nacional e universal por temporalidades múltiplas, focalizando conjunturas provisórias e relativas a seu próprio tempo”³⁰. Os estudos feministas compartilham fundamentalmente estas questões, tão caras à produção historiográfica.

Documentar o atípico não quer dizer apontar o excepcional, (...) mas justamente encontrar um caminho de interpretação que desvende um processo importante até ali invisível, por força da tonalidade restrita das perguntas formuladas tendo em vista estritamente o normativo. Encontrar a trilha e a perspectiva que ilumina a terceira margem do rio é um modo de renovar o conhecimento e nunca é bastante chamar a atenção para o quanto podem ser renovadores os estudos feministas.³¹

Recusando totalidades universais, as teorias feministas se colocam inseridas numa proposta de reconstrução das fronteiras do conhecimento historiográfico. Historicizar as práticas de gênero, e também “os conceitos de reprodução, família, público, particular, cidadania, sociabilidades, a fim de transcender definições estáticas e valores culturais

²⁹ Neste trabalho, utilizo os termos “estudos feministas”, “teorias feministas” para me referir à produção de conhecimento pautada por um caminho intelectual comum, “afim de opor-se aos pressupostos androcêntricos dos saberes dominantes e assim escapar à rigidez das proposições normativas e ao fechamento do pensamento binário e estático do feminino e do masculino” (Decarries, 2000:10). Dessa maneira, tais estudos evidenciam os processos de sexagem (e de racialização, como propõe grande parte das teóricas feministas) atuando na estruturação do social e do conhecimento, processos estes até então invisibilizados.

³⁰ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Teoria e Método dos Estudos Feministas: Perspectiva Histórica e Hermenêutica do Cotidiano*. 1992, p.43.

³¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Teoria e Método dos Estudos Feministas: Perspectiva Histórica e Hermenêutica do Cotidiano*. 1992, p.40.

herdados como inerentes a uma natureza feminina”³², é desafio colocado às/aos historiadoras/es comprometidas/os com uma leitura crítica e feminista das práticas sociais. Segundo Maria Odila da Silva Dias,

A abordagem historicista e historicizante é profícua justamente porque incorpora as mudanças, aceita a transitoriedade do conhecimento, dos valores culturais em processo de transformação no tempo. Afinal, as próprias relações de gênero a que se prendem de imediato os estudos feministas antevêm, no futuro, a transcendência dessa dualidade cultural por um pluralismo de nuances e diferenças multiplicadas. Não há porque considerar a oposição masculino/feminina tal como se apresenta hoje, como uma carga de definições culturais herdadas do passado, como se fossem necessárias e fixas ou inatas.³³

As teorias feministas propõem uma outra relação entre teoria e prática. “Delineia-se um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele”³⁴: não isento e imparcial, mas localizado e afirmando sua particularidade. Acabam com a noção de conhecimento cuja meta seria atingir a verdade essencial, pura, e enfatizam a historicidade dos conceitos e a coexistência de temporalidades múltiplas, recusando a noção de uma continuidade evolutiva como base de “processos históricos”. E trazem uma idéia de sujeito como efeito dinâmico das condições socioculturais, instituído num espaço permeado por complexas relações sociais, sexuais e étnicas.

Propondo pensar em como as diferenças sexuais foram construídas culturalmente, recusando radicalmente determinações “naturais” e biológicas, os feminismos colocam em evidência a necessidade de se historicizar os sujeitos sociais, privilegiando as práticas. Ao denunciar a natureza política da construção destes sujeitos, mostram como hierarquias como as de gênero são construídas e legitimadas.

No caso deste trabalho, o aporte teórico feminista se faz indispensável por apontar como práticas discursivas como as instituídas pelo *Jornal das Moças* constroem uma feminilidade dada como evidente – como sujeitos mulheres são constituídos numa lógica

³² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Teoria e Método dos Estudos Feministas: Perspectiva Histórica e Hermenêutica do Cotidiano*. 1992, p.41.

³³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Teoria e Método dos Estudos Feministas: Perspectiva Histórica e Hermenêutica do Cotidiano*. 1992, p.40.

³⁴ RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história*. In: PEDRO, Joana Maria, e GROSSI, Miriam Pillar (org). *Masculino, Feminino, Plural: Gênero na interdisciplinaridade*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2000, p.32.

hierárquica binária politicamente regulada por dispositivos diversos, incluindo a revista analisada. Pensar os sujeitos como construtos políticos significa problematizar a lógica em que foram fundados.

Teóricas feministas, dentre elas Judith Butler, estão atentas à crítica ao sujeito moderno, instalado numa lógica identitária universalizante onde a multiplicidade de posições é apagada. A autora questiona os diversos modos de universalização, pois estes impõem uma “noção culturalmente hegemônica sobre o campo social”³⁵. O uso de tal noção pensada de maneira totalizadora implicaria continuamente a produção de exclusões.

Por considerar de fundamental importância problematizar uma teoria ou política que suponha um sujeito “universal”, Butler propõe uma crítica a esse sujeito que já é, desde sempre, masculino. Certamente, “tornar-se um sujeito” baseando-se neste modelo não constitui um projeto feminista. O que não significa descartá-lo ou negá-lo, mas sim uma maneira de questionar a prerrogativa fundamentalista de sua construção³⁶.

Tomar a construção do sujeito como uma problemática política não é a mesma coisa que acabar com o sujeito; desconstruir o sujeito não é negar ou jogar fora o conceito; ao contrário, a desconstrução implica somente que suspendemos todos os compromissos com aquilo a que o termo ‘o sujeito’ se refere, e que examinamos as funções linguísticas a que ele serve na consolidação e ocultamento da autoridade. Desconstruir não é negar ou descartar, mas por em questão e, o que talvez seja mais importante, abrir um termo, como sujeito, a uma reutilização e uma redistribuição que anteriormente não estavam autorizadas.³⁷

Se percebemos que o sujeito se constitui mediante processos de diferenciação e exclusão, instituindo hierarquias que provocam o apagamento dos que não estão localizados em seus termos fundantes, surge a necessidade política de percorrer os caminhos desta construção e invisibilização historicamente contingentes. E surge também a urgência de

³⁵ BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: O feminismo e a questão do “pós-modernismo”*. In: “Feminismos Contemporâneos”. Cadernos Pagu (11) 1998: pp 11-42. Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP, p.17.

³⁶ BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: O feminismo e a questão do “pós-modernismo”*. In: “Feminismos Contemporâneos”. Cadernos Pagu (11) 1998: pp 11-42. Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP, p.18-19.

³⁷ BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: O feminismo e a questão do “pós-modernismo”*. In: “Feminismos Contemporâneos”. Cadernos Pagu (11) 1998: pp 11-42. Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP, p.24.

resignificar o termo, de trabalhar esta noção fora do campo hierárquico em que foi estabelecida.

Tornar-se um sujeito do feminismo, reitera Butler, não pode significar reproduzir um modelo que exige e produz domínios excluídos. Como o foi há décadas atrás, onde “o ‘nós’ feminista foi atacado com justiça pelas mulheres não brancas que diziam que aquele ‘nós’ era invariavelmente branco e que em vez de solidificar o movimento, era a própria fonte de uma dolorosa divisão”³⁸.

Por meio de que exclusões se construiu o sujeito feminista e como esses domínios excluídos retornam para assombrar a ‘integridade’ e a ‘unidade’ do ‘nós’ feminista? E como é possível que a própria categoria, o sujeito, o ‘nós’, que deveria ser presumido com o propósito da solidariedade, produza a facciosidade que deveria liquidar? Querem as mulheres tornar-se sujeitos com base no modelo que exige e produz uma região anterior de degradação, ou deve o feminismo tornar-se um processo que é auto-crítico sobre os processos que produzem e desestabilizam categorias de identidade?³⁹

A categoria mulheres mostra-se, desta maneira, problemática, sendo sua crítica fundamentada nas facções que criará no esforço em dar à mesma conteúdo universal ou específico. Segundo a autora, “a ‘identidade’ como ponto de partida jamais se sustenta como base sólida de um movimento político feminista”⁴⁰. As categorias de identidade não apenas “descrevem”, mas são sempre normativas e, por isso, definem práticas exclusivistas e excludentes.

O que não impede a utilização do termo “mulheres”, percebendo-o porém como um espaço aberto e resignificado permanentemente. Desconstruir o sujeito do feminismo não se trata, então, de uma censura ao seu uso, mas, ao contrário, de liberá-lo, de emancipá-lo das ontologias sexistas e racistas (ou das relacionadas à maternidade, por exemplo) às quais ele esteve limitado e torna-lo um lugar onde outros significados podem surgir. Onde se tornem possíveis configurações novas, onde o termo não é fixo. No presente trabalho, utilizo o termo

³⁸ BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: O feminismo e a questão do “pós-modernismo”*. In: “Feminismos Contemporâneos”. Cadernos Pagu (11) 1998: pp 11-42. Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP, p.24.

³⁹ Idem, *ibidem*.

⁴⁰ Idem, *ibidem*.

“mulheres” dentro desta problematização: pensando-o como historicamente construído e desnaturalizando sua constituição.

É importante ressaltar que, para a história, as possibilidades trazidas pela crítica feminista foram e são abrangentes e enriquecedoras, como atenta Diva Muniz. “Elas ampliaram o espectro de seu repertório teórico e metodológico para a análise de um social múltiplo, complexo e diverso”⁴¹. Produziram um instrumental teórico que liberou a disciplina de modelos restritos e fechados, baseados na lógica que apaga todas/os aquelas/es que fogem ao seu padrão normativo, “que homogeneiza a pluralidade com suas concepções totalizadoras, sexistas e hierarquizadoras”⁴². Ou seja, uma teoria que proponha escapar à produção de conhecimento pautada por este sujeito masculino, branco, “ocidental” – isto é, o sujeito pressuposto, tornado universal.

O potencial subversivo proporcionado pelas reflexões feministas deve ser considerado e apropriado pela produção historiográfica, pois traz a abertura necessária para se pensa-la de uma outra maneira, para que sejam produzidos modos outros de conhecimento histórico. Pois se as teorias feministas evidenciam as relações de poder que constituem os saberes produzidos, podem então nos mostrar como noções como objetividade e neutralidade são construídas e legitimadas. Trazem a possibilidade de revelar as dimensões sexistas e racistas, dentre outras, destes mesmos saberes, até então invisibilizadas.

Os questionamentos decorrentes da crítica feminista revigoraram o projeto político de transformação social e da produção de conhecimento realizado por algumas historiadoras, que “avançaram na crítica, questionaram os termos desse saber disciplinar que as excluía, explicitaram os procedimentos dessa exclusão e desnaturalizaram construções consolidadas pelos modelos hierárquicos de funcionamento da ciência”⁴³. Trouxeram visibilidade ao até então apagado e expuseram as inconsistências, contradições e violências de uma tradição historiográfica androcêntrica e excludente.

⁴¹ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Sobre gênero, sexualidade e O segredo de Brokeback Mountain: uma história de aprisionamentos*. In: STEVENS, Cristina M. T., e SWAIN, Tânia Navarro (org.). *A Construção dos Corpos. Perspectivas feministas*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2008, p.120.

⁴² Idem, *ibidem*.

⁴³ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Sobre gênero, sexualidade e O segredo de Brokeback Mountain: uma história de aprisionamentos*. In: STEVENS, Cristina M. T., e SWAIN, Tânia Navarro (org.). *A Construção dos Corpos. Perspectivas feministas*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2008, p.121.

Além de algumas historiadoras (como por exemplo as utilizadas neste trabalho), e ainda dentro destes questionamentos epistemológicos, podemos destacar também o trabalho de teóricas feministas como Ochy Curiel. Desenvolvendo um pensamento feminista pós-colonial, estas autoras chamam a atenção para a dimensão patriarcal e capitalista do poder e seus efeitos. Um feminismo mais atento às lógicas masculinas, classistas, racistas e sexistas, sem restringir-se às questões de sexo-gênero. Neste projeto político feminista, se encontram imbricados esses diversos sistemas de dominação (sexismo, racismo, heteronormatividade, classismo), sendo definidos a partir da crítica à colonialidade dos poderes e saberes⁴⁴.

Os posicionamentos teóricos e analíticos dos feminismos pós-coloniais vêm enriquecendo de maneira significativa a prática feminista e serviram para ampliar temas como a racialidade, por exemplo. A partir de sua experiência situada, mulheres afrodescendentes e indígenas, dentre muitas outras, comumente subalternizadas nas sociedades e nas ciências, puderam impulsionar um novo discurso e práticas políticas críticas e transformadoras. Percebendo a história de muitas mulheres em muitos lugares-tempos, consideram como um dos principais gestos éticos e políticos de descolonização feminista a tentativa de retomar diferentes histórias, pouco ou quase nunca contadas.

Na referida abordagem, a descolonização se trata de uma posição política que atravessa o pensamento e a ação individual e coletiva, imaginários, corpos, sexualidades, formas de atuar e de ser no mundo e que cria “prácticas sociales y de la construcción de pensamiento propio de acuerdo a experiencias concretas”⁴⁵. Temos o questionamento ao sujeito único, ao eurocentrismo, ao ocidentalismo, à colonidade do poder. Sobretudo, um feminismo com uma autocrítica necessária para produzir uma prática política onde sistemas de dominação diversos se encontram imbricados, como o sexismo, racismo, heterossexismo e capitalismo.

Ainda que trazendo múltiplas e libertárias possibilidades teóricas, é preciso reconhecer que, de um modo geral, as epistemologias feministas ainda se encontram subalternizadas se

⁴⁴ CURIEL, Ochy. *Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista*. In: Colonialidad y Biopolítica en América Latina. Revista NOMADAS. N.26. Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos-Universidad Central. Bogotá, 2007, p.93-94.

⁴⁵ CURIEL, Ochy. *Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde America Latina y Caribe*. Ponencia presentada en el Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista. Buenos Aires, junio de 2009. Disponible en línea en http://www.feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf

comparadas à produção de conhecimento centralizada e normativa. Fazendo uma crítica à lógica binária onde uns se localizam na posição não específica do essencial, do universal, do humano, enquanto outros são definidos, reduzidos e marcados por sua diferença (sexual, racial, religiosa), Susan Bordo chama a atenção para como as teorias feministas, não importando a dimensão de seus questionamentos, podem ocupar a região que Simone de Beauvoir chamou de “Outro”⁴⁶. O lugar de sua diferença, um lugar especial e periférico. Desta maneira, encontramos “história” e “história das mulheres”, “e a história das mulheres – à diferença da história militar, por exemplo – é localizada fora do que é considerado história de fato”⁴⁷.

É como se existissem as críticas pós-estruturalistas da razão, de “interesse geral”, e as críticas feministas, de interesse limitado às/aos atentas/os às questões do sexo/gênero. De acordo com Bordo, a Alteridade (pensada dentro dessa lógica binária hierárquica) vem dando forma à inúmeros discursos críticos – além dos feminismos, dos discursos sobre raça, colonialismo, anti-semitismo, heterossexismo etc. A imagem que é construída e transmitida das teóricas feministas como estando mais envolvidas com as críticas de gênero do que com as críticas culturais de maneira geral, se tornou característica do modo como o feminismo vem sendo pensado e periferizado.

A *guetoização* da análise feminista se mostra surpreendente, dado que, tanto em relação à Beauvoir – e seu desafio à “noção de há uma ‘condição humana’ que todas/os compartilham” – quanto em relação

às críticas feministas da ciência moderna e ao ceticismo feminista contemporâneo em relação à continuidade e unidade da identidade, as teóricas feministas estiveram na dianteira no desafio à presumida universalidade, neutralidade e unidade do ‘sujeito’ moderno. O desafio começou com a exposição específica do gênero, quando as feministas mostraram que o Homem é realmente o homem, embora encoberto. E enquanto ser corpóreo, genderizado, ele não podia mais ser imaginado como possuidor de uma visão elevada, desinteressada e onipotente da realidade. Assim começou um amplo questionamento, em todas as disciplinas, dos paradigmas estabelecidos da verdade e do método, paradigmas esses que impuseram padrões de raciocínio

⁴⁶ BORDO, Susan R. *A feminista como o Outro*. Revista Estudos Feministas, São Paulo, v.8, n.1, p. 10-29, 2000, p.11.

⁴⁷ BORDO, Susan R. *A feminista como o Outro*. Revista Estudos Feministas, São Paulo, v.8, n.1, p. 10-29, 2000, p.12.

filosófico e ético, de rigor científico, de valores literários e artísticos, de narrativa histórica etc.⁴⁸

A autora coloca a importância da resistência à essa *guetoização* das epistemologias feministas, e da insistência para que as teorias feministas sejam reconhecidas como críticas socioculturais. Pois se as mesmas tivessem sido pensadas e representadas não apenas como a voz da “diferença”, da Alteridade (pensada como hierarquicamente inferior), mas sim como as formas historicamente autorizadas, talvez fosse possível “uma compreensão mais profunda do falocentrismo e dos modos sutis que ele tem de se reproduzir”⁴⁹. E os feminismos seriam retirados do lugar do Outro e estabelecidos nas bases epistemológicas centrais de nossas sociedades.

Faço aqui um paralelo da marginalidade do pensamento feminista, este “outro” de que nos fala Susan Bordo, com a inclusão das mulheres no discurso historiográfico brasileiro. Diva Muniz expõe a problemática de uma escrita da história a partir de domínios específicos, de uma área especializada de estudos denominada “História da Mulher”, “História das Mulheres”, “Estudos das Mulheres” e/ou “Estudos de Gênero”⁵⁰. Esta inclusão apresenta uma visibilidade comprometida, e sofre resistências e preconceitos entre a comunidade de historiadoras/es. Apesar de sua heterogeneidade, das tensões e contradições encontradas entre prática política e estudos acadêmicos, e graças ao seu entrecruzamento com os estudos feministas, a circunscrição da área possibilitou que as mulheres fossem visibilizadas e reconhecidas como sujeitos históricos. Mas trata-se de inclusão diferenciada e desigual e, por conta disso, restrita ao circuito feminista e/ou simpatizante. Ou seja, sob a *guetoização* de que fala Bordo.

Para Diva Muniz, “não há como deixar de reconhecer que Foucault inspirou o movimento de crítica interna da disciplina história”⁵¹. Ao colocar em questão os fundamentos

⁴⁸ BORDO, Susan R. *A feminista como o Outro*. Revista Estudos Feministas, São Paulo, v.8, n.1, p. 10-29, 2000, p.15-16.

⁴⁹ BORDO, Susan R. *A feminista como o Outro*. Revista Estudos Feministas, São Paulo, v.8, n.1, p. 10-29, 2000, p.27-28.

⁵⁰ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Mulheres na historiografia brasileira: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada*. In: STEVENS, Cristina e et. Al. (orgs.). *Gênero e feminismos: convergências (in)disciplinares*. Brasília: Ex Libris, 2010, p.66.

da disciplina, evidenciar campos/objetos que eram apagados pela historiografia e criar termos e categorias capazes de expressá-los, possibilitou dentro da mesma a abertura necessária “para se pensar a diferença e operar a inclusão dos excluídos, dentre estes, as mulheres”⁵².

Com este movimento de crítica interna, de questionamento sobre a disciplina, à lógica do sujeito e das identidades, operou-se em seus campos um profundo deslocamento epistemológico. “Com efeito, o desafio de incluir as mulheres na história, de se lhes conferir visibilidade historiográfica, não poderia ser feito sob os pressupostos de um saber disciplinar que até então as excluía”⁵³.

Mas esta inclusão não se dá sem problemas. Como o espaço do “outro”, percebe-se

o arraigado preconceito existente na comunidade de historiadoras/es, expresso na resistência/recusa quanto à legitimidade dos estudos e da produção de conhecimento sobre as mulheres. Tal postura inviabiliza a ampliação do debate, circunscrevendo-o, talvez mais intensamente do que ocorre com outros domínios/áreas da História, ao circuito feminista e/ou simpatizante. Essa limitação é preocupante, não apenas pelo fechamento no próprio campo, mas, principalmente, pela exclusão, e depois pela inclusão diferenciada e desigual das mulheres no discurso historiográfico. As mulheres são ainda percebidas e reconhecidas na comunidade como tema/objeto menos importante, significadas diferenciada e desigualmente no discurso historiográfico. Essa hierarquização evidencia a violência simbólica praticada no campo da História em relação às mulheres (...).⁵⁴

Herança da tradição misógina na historiografia brasileira, a “História das Mulheres” aparece reafirmada como suplemento, “como ‘figurantes adequadas’ em uma história que permanece sendo pensada e praticada no masculino”⁵⁵. Segundo a autora, o potencial subversivo e de transformação produzido pelas críticas feministas deveria ser reconhecido e

⁵¹ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Mulheres na historiografia brasileira: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada*. In: STEVENS, Cristina e et. Al. (orgs.). *Gênero e feminismos: convergências (in)disciplinares*. Brasília: Ex Libris, 2010, p.69.

⁵² Idem, *ibidem*.

⁵³ Idem, *ibidem*.

⁵⁴ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Mulheres na historiografia brasileira: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada*. In: STEVENS, Cristina e et. Al. (orgs.). *Gênero e feminismos: convergências (in)disciplinares*. Brasília: Ex Libris, 2010, p.71.

⁵⁵ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Mulheres na historiografia brasileira: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada*. In: STEVENS, Cristina e et. Al. (orgs.). *Gênero e feminismos: convergências (in)disciplinares*. Brasília: Ex Libris, 2010, p.76.

acolhido pela disciplina, que se abriria às possibilidades múltiplas, libertárias e questionadoras destas teorias. Nesse movimento, espero que este trabalho possa servir de contribuição, situada e contingente, à um projeto feminista de escrita de história. Pensar a história do possível, tal como nos propõe Tania Swain⁵⁶ – uma análise que abre a história para o diverso, que questiona a ancoragem das representações construídas em torno de uma “natureza”, que desconstrói normatividades subalternas.

Ao analisar a feminilidade performada nas práticas discursivas da revista *Jornal das Moças*, pretendo mostrar como esta feminilidade é historicamente construída – desnaturalizar esta feminilidade, localizá-la como efeito de poderes regulatórios que funcionam numa lógica binária hierárquica e que constroem corpos e sensibilidades. Utilizo a abordagem historicista para evidenciar a contingência histórica de categorias como “mulheres” e “homens”, para questionar dicotomias que engendram e hierarquizam indivíduos. Uma história que se propõe fora dos modelos androcêntricos da produção de conhecimento – uma história feminista.

⁵⁶ SWAIN, Tânia Navarro. *Apresentação*. In: OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. *Por uma história do possível – Representações das mulheres incas nas crônicas e na historiografia*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012, p.10.

1.3- Questões de sexo/gênero, tecnologias e poder

Para o trabalho da/o historiadora/r, pensar a escrita da história a partir de uma perspectiva onde se assume que os significados são construídos social e culturalmente, significa acabar com a possibilidade da/o mesma/o de pressupor uma neutralidade ou de apresentar qualquer história particular como se ela fosse completa ou universal⁵⁷. Para historiadoras feministas, esta é uma abordagem epistemológica especialmente atraente. Mostrar historicamente como hierarquias como as de sexo-gênero são construídas e legitimadas traz a denúncia da natureza política dessa construção.

Pensar a categoria de sexo como um construto reiteradamente materializado através do tempo por meio de normas regulatórias nos leva a questionar a construção do sexo como um dado corporal sobre o qual o construto do gênero é artificialmente imposto. Possibilita-nos problematizar dicotomias hierárquicas como feminino-masculino, natureza-cultura, sexo-gênero, onde o sexo (o corpo, a natureza, o feminino) tem sido pensado como uma página em branco, como passivo, como um lugar onde significados serão inscritos (pela cultura, pelo gênero, pelo masculino), e daí reconhecidos com a “marca” do social. “Descrito como um tal lugar ou superfície, (...) o natural é construído como aquilo que é também sem valor; além disso, ele assume seu valor ao mesmo tempo que assume seu caráter social, que renuncia ao natural”⁵⁸.

Questionar essas proposições, historicamente construídas e legitimadas, significa pensar nos efeitos produtivos e materializadores do poder regulatório, trazendo para a análise a noção foucaultiana de poder. Ou seja, pensar os corpos, o sexo, como efeitos materiais das normas regulatórias que governam sua materialização.

Não se pode, de forma alguma, conceber o gênero como um construto cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria – quer se entenda essa como o “corpo”, quer como um suposto sexo. Ao invés disso, uma vez que o próprio “sexo” seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização daquela norma regulatória. O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que

⁵⁷ SCOTT, Joan Wallach. *Prefácio a Gender and Politics of History*. In: “Desacordos, desamores, diferenças”. Cadernos Pagu (3) 1994. Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP, p.21.

⁵⁸ BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade*. 2a Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.157-158.

alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural.⁵⁹

Desta maneira, a pergunta não é mais “como o gênero é constituído como uma certa interpretação do sexo”, mas sim “através de que normas regulatórias é o próprio sexo materializado?”⁶⁰.

Monique Wittig adverte que costumamos pensar o sexo como um “fato imediato”, “sensível”, “características físicas” pertencentes a uma ordem natural⁶¹. Mas isto, que acreditamos ser uma percepção direta e física, “não é mais do que uma construção sofisticada e mítica, uma ‘formação imaginária’ que reinterpreta traços físicos (...) por meio da rede de relações nas quais elas são vistas”⁶². Esta “formação imaginária” do sexo/gênero tem sido constantemente reiterada pelos discursos institucionais e midiáticos como algo dado, pré-estabelecido; características naturalizadas e essencializadas que definem identidades normativas e aparentemente fixas.

Categorias como “mulheres” e “homens”, então, que são políticas, se tornam fatos “naturais”. Em *Problemas de Gênero*, Butler denuncia o gênero como uma fabricação, como uma fantasia instituída nos corpos⁶³:

Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim *torna-se* mulher decorre que *mulher* é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e re-significações. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais reificadas, a própria ‘cristalização’ é uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios sociais. (...) O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de

⁵⁹ BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade. 2a Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.154-155.

⁶⁰ BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade. 2a Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.163.

⁶¹ WITTIG, Monique. *Ninguém nasce mulher*. 1980. Acessível em: <http://mulheresrebelde.blogspot.com/2009/04/ninguem-nasce-mulher.html>, em setembro de 2012.

⁶² Idem, *ibidem*.

⁶³ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.195.

ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem-sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero. (...) ⁶⁴

O corpo aparece não como um “ser”, mas como “uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia de gênero e heterossexualidade compulsória”⁶⁵. Como então, questiona Butler, compreender esse gênero, essa representação corporal? A autora traz a ideia de performatividade, onde o gênero pode ser pensado como um “estilo corporal”, um “ato”, “que tanto é intencional como *performativo*, onde ‘performativo’ sugere uma construção dramática e contingente do sentido”⁶⁶; é também algo que se repete e que ganha (nessa repetição) a aparência de algo substancial.

Como um projeto contínuo, o gênero aparece para atualizar a história que construímos culturalmente nas nossas próprias condições corpóreas. Assumir determinado tipo de corpo, viver ou usar o corpo de determinada maneira, se relaciona a um mundo de estilos corporais já dados anteriormente. Viver um gênero é “interpretar normas de gênero recebidas de um modo que as reproduzam e organizem de novo”⁶⁷.

Pensar a feminilidade como ato performativo é uma das preocupações deste trabalho. A intenção é mostrar como a feminilidade é performada nos discursos do *Jornal das Moças* – como a revista institui determinados modos *de ser mulher*, e reifica esta estilização corporal, por meio de notas e fotografias. Neste processo de constituição de corpos e sensibilidades, percebemos como essas práticas discursivas atuam como práticas regulatórias, que normatizam esses corpos. Normas de gênero que são instituídas e atualizadas repetidamente pela publicação.

⁶⁴ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.58-59.

⁶⁵ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.198.

⁶⁶ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.199.

⁶⁷ BUTLER, Judith. *Variações sobre Sexo e Gênero – Beauvoir, Wittig e Foucault*. In: BENHABID, Seyla; CORNELL, Drucila (orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987, p.143.

Para Foucault, o questionamento é “como a materialidade do corpo vêm a significar idéias culturalmente específicas?”⁶⁸. No volume I de *História da Sexualidade*, o autor pensa o sexo como uma ideia complexa historicamente formada no seio do dispositivo da sexualidade, que se constituiu através de diferentes estratégias de poder⁶⁹. Propondo uma análise da sexualidade como “dispositivo político”, mostra de que modo se articulam dispositivos de poder relacionados diretamente ao corpo. Ou seja, uma “história do corpo”, onde o biológico e o histórico se ligam numa complexidade crescente.

Foucault entendia o dispositivo da sexualidade como o conjunto heterogêneo que engloba práticas, discursos, instituições, leis, medidas administrativas, decisões regulamentares e poderes, e que atua estrategicamente produzindo, administrando e normatizando a sexualidade⁷⁰. O dispositivo, portanto,

está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles.⁷¹

Compreendendo a sexualidade como uma invenção sociocultural, Foucault a entendia como produto do dispositivo da sexualidade, em que operam discursos normatizantes, regulatórios, que instituem saberes, que estabelecem “verdades”. É importante ressaltar aqui que as identidades são sempre construídas, que não são previamente dadas ou “acabadas” em algum momento – quer estejamos pensando nas questões de gênero ou nas da sexualidade. Analisadas como processo, desconstruídas de sua suposta naturalidade, categorias como “mulheres” e “homens” denunciam seu caráter histórico e o poder regulatório, as normas regulatórias que instauram esta aparente fixidez de seus significados.

⁶⁸ BUTLER, Judith. *Variações sobre Sexo e Gênero – Beauvoir, Wittig e Foucault*. In: BENHABID, Seyla; CORNELL, Drucila (orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987, p.150.

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. 15ª Edição. São Paulo: Ed. Graal, 2003b, p.101.

⁷⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999, p.244.

⁷¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999, p.246.

Nesse sentido, é interessante pensar as relações de gênero enquanto relações de poder. Foucault concebe o poder como estratégia, desorganizando suas concepções convencionais; por isso sua concepção de poder pode nos ajudar a pensar aqui – ele é pensado como uma rede de dispositivos e mecanismos, atuando por todos os lugares e direções. Não é algo que se detenha, ou que se possa perder; “o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis”⁷². O poder, em si, não existe: o que existe são práticas ou relações de poder.

Em sua análise, Foucault não reduz o poder ao conjunto de instituições e aparelhos de Estado – estes atuariam como instrumentos de uma rede difusa de poderes que o ultrapassam e o complementam. O poder é onipresente,

não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixa-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.⁷³

Foucault recusa a idéia de um poder simplesmente repressivo. Considera-o como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que teria por função reprimir. Ele não apenas atua como uma força que diz não, mas “de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”⁷⁴. Age materialmente sobre os indivíduos, afetando sua realidade mais concreta – o seu corpo –, penetrando na vida cotidiana:

⁷² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. 15ª Edição. São Paulo: Ed. Graal, 2003b, p.90.

⁷³ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. 15ª Edição. São Paulo: Ed. Graal, 2003b, p.89.

⁷⁴ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999, p.08.

(...) O poder não apenas nega, impede, coíbe, mas também ‘faz’, produz, incita. Chamando a atenção para as minúcias, para os detalhes, para táticas ou técnicas aparentemente banais, ele (Foucault) nos faz observar que o poder produz sujeitos, fabrica corpos dóceis, induz comportamentos, ‘aumenta a utilidade econômica’ e ‘diminui a força política’ dos indivíduos (...).⁷⁵

Para o filósofo, somos efeitos das relações de poder, somos constituídos nas e por estas relações. Somos instituídos por agenciamentos atravessados pelo poder e pela constituição de saberes – saberes estes que nos classificam e supostamente nos explicam. Os sujeitos sociais não possuem uma essência, uma natureza humana, mas sim são seres construídos histórica e culturalmente. Desta forma, eles não pré-existiriam para depois serem inseridos em relações conflituosas ou harmoniosas: eles atuam no mundo interagindo nas relações de poder, sem um pano de fundo por trás.

As relações de poder aparecem, então, diretamente relacionadas às relações de gênero, uma vez que estas instituem, nas práticas discursivas e não-discursivas, “verdades” sobre os sexos, que são produzidas e fixadas.

(...) Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas* (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder.⁷⁶

É através das práticas cotidianas que as diferenças são reificadas, cristalizadas e naturalizadas. Por meio das redes de poder, nas dinâmicas que constituem o seu exercício, desigualdades são instituídas e nomeadas. “A diferença é nomeada *a partir* de um determinado lugar que se coloca como referência”, ressalta Guacira Louro, numa crítica à lógica binária e hierárquica⁷⁷.

⁷⁵ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.40.

⁷⁶ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.41.

⁷⁷ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.47.

Se pensarmos na analítica do poder que nos propõe Foucault, percebemos que o que interessa são os seus efeitos – e como podem estar ligados à disposições, mecanismos, táticas⁷⁸. A quais tecnologias podem estar estrategicamente vinculados. Teresa de Lauretis propõe, a partir da abordagem foucaultiana (de pensar a sexualidade como “tecnologia sexual”), pensar também o gênero como produto de diversas tecnologias sociais, como por exemplo diferentes mídias, assim como de práticas cotidianas e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas.

Segundo Lauretis, essas muitas tecnologias têm o “poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero”⁷⁹. Estas *representações de gênero* – termo utilizado pela autora para designar as posições sociais que atribuem significados diferenciais e engendram sujeitos - acabam por colocar as revistas “femininas”, bem como as diversas mídias, como um dos aparatos do que a autora denomina tecnologia do gênero.

Na abordagem proposta por Lauretis, as representações de gênero são pensadas como a própria construção desse gênero. Não como algo dado à priori, mas sim “o conjunto de efeitos produzidos nos corpos, comportamentos e relações sociais” por meio destas tecnologias políticas⁸⁰. As representações de gênero são a sua construção, estando os dois termos relacionados – “a construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação”⁸¹.

O “sistema sexo-gênero”, segundo Lauretis, seria tanto uma construção social como um aparato semiótico, este “sistema de representações que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos

⁷⁸ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. 15ª Edição. São Paulo: Ed. Graal, 2003b, p.86-87.

⁷⁹ LAURETIS, Teresa de. *A Tecnologia do Gênero*. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.228.

⁸⁰ LAURETIS, Teresa de. *A Tecnologia do Gênero*. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.208.

⁸¹ LAURETIS, Teresa de. *A Tecnologia do Gênero*. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.212.

dentro da sociedade”⁸². Marcando suas diferenças dentro da lógica binária, o sistema sexo-gênero define corpos e os significa. E se constitui produto e processo de tecnologias sociais, que atuam construindo o gênero através das práticas discursivas e não-discursivas. O *Jornal das Moças*, aqui, é pensado como uma tecnologia de gênero, pois atua na produção e manutenção de um sistema de valores que engendra os indivíduos.

Tania Navarro Swain propõe não apenas o gênero, mas o próprio corpo como uma construção representacional em modelos de gênero. Dialogando com Lauretis mas também com Butler e Foucault, Swain reitera que desta maneira “passa-se da idéia de diferença sexual à observação dos mecanismos, do processo de construção cultural dos corpos sexuados, definidos em práticas normativas da sexualidade”⁸³. Segundo a autora, as matrizes de inteligibilidade que, nas diversas tecnologias, constroem um corpo naturalizado em sexo feminino podem ser percebidas “em torno da família heterossexual e de atributos essencializados na ‘verdadeira mulher’: sedução, maternidade, submissão, altruísmo, abnegação”⁸⁴.

Os corpos naturalizados femininos, representados em modelos normativos de gênero, são corpos políticos. Definidos por práticas normativas da sexualidade através de tecnologias midiáticas (dentre outras), Swain reitera esta questão:

As tecnologias da mídia e especialmente as revistas femininas elaboram, em torno do aparelho genital, os contornos e limites de um corpo sexuado impregnado de valores, crenças, atualizando e reafirmando representações que passam a existir nas práticas que as elaboram. Assim, o corpo construído em feminino exprime as modalidades culturais que o confinam a um gênero que se torna inteligível “...na medida em que mantém relações de coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”⁸⁵.

O *Jornal das Moças* configura-se, desta maneira, um eficaz espaço de construção desta feminilidade, deste conjunto de efeitos políticos (corporais e subjetivos) de um processo

⁸² LAURETIS, Teresa de. *A Tecnologia do Gênero*. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.212.

⁸³ SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas “Femininas”*. In: *História: Questões & Debates*, n. 34. Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p.41.

⁸⁴ Idem, *ibidem*.

⁸⁵ Idem, *ibidem*.

historicamente situado de normatização e naturalização de modos de existência gendrados. A feminilidade é uma política dos corpos, produzida e reproduzida por tecnologias diversas, por dispositivos regulatórios de poder que sustentam a ficção do gênero. A revista traz imagens que nos ensinam o que é ser “feminina” – essa estilização repetida do corpo de que nos fala Butler.

Os exemplares da revista a serem analisados foram veiculados no ano de 1960. Com tiragem semanal, a publicação era endereçada às mulheres brancas⁸⁶, e se anunciava a favor “da moral e dos bons costumes”, como diz explicitamente em suas páginas. O recorte considerado no presente trabalho é o das capas e do suplemento “Jornal da Mulher” (parte integrante da revista), pois penso que estes constituem um eficiente espaço pedagógico onde discursos atuam construindo modelos de feminilidade. Nestes espaços, encontramos imagens e textos que nitidamente configuram, reiteram e demarcam os limites e o horizonte de possibilidades relativo a este “ser mulher”.

Desnaturalizar o que é tomado por natural e desconstruir identidades historicamente constituídas são possibilidades metodológicas contempladas pela história, pensada como campo disciplinar aberto ao múltiplo e ao plural. No presente trabalho, meu esforço é o de questionar práticas que normatizam e subalternizam, de historicizar a feminilidade na revista *Jornal das Moças*.

⁸⁶ Este modo de endereçamento da revista pode ser notado pela branquidade como horizonte totalizador das imagens das mulheres apresentadas na publicação, em que nenhuma mulher não branca figura em suas páginas.

Capítulo 2

O Jornal das Moças e a heterossexualidade compulsória

2.1- O semanário Jornal das Moças

As publicações dirigidas às mulheres⁸⁷ constituem importante *locus* de significações a respeito de modelos de feminilidade, são tecnologias de gênero que engendram saberes fundantes relativos a um “ser mulher”. Através da análise do Jornal das Moças, percebemos em seus discursos características destes modelos, onde os corpos performados ensinam o que é, e como deve ser um corpo feminino. A reiteração de um mesmo estilo corporal é um modo de estabilização e homogeneização da imagem de feminilidade performada. As revistas “femininas” veiculadas nas décadas 1945-1961, como é o caso da que analiso neste trabalho, performam imagens de feminilidade, reafirmando valores e significações que são historicamente naturalizadas como próprias das mulheres. A historiadora Carla Bassanezi comenta as principais características presentes nas publicações daquele período:

Especialmente no período 1945-1964, as revistas femininas eram uma importante fonte de informação para muitas mulheres. Eram publicações bastante difundidas que se dirigiam a um público leitor feminino de classe média urbana e que tratavam de assuntos e valores correspondentes a esse grupo social.

Os temas destas revistas estavam limitados basicamente ao considerado “mundo feminino” – casa, prendas domésticas, moda, beleza, filhos, marido, culinária, crônica social, artigos “de comportamento” (...).

Os referenciais obrigatórios dos periódicos femininos, neste período, quando tratavam das mulheres, eram os papéis tradicionais – dona de casa, esposa e mãe – e as características “próprias da mulher”, englobadas na palavra feminilidade.⁸⁸

⁸⁷ Neste trabalho, dei preferência à utilização da expressão “publicações dirigidas às mulheres” em vez de revistas “femininas”. O termo revistas “femininas” parece indicar que tais publicações são sobre mulheres. Entretanto, entendo tal tipo de publicação (como a revista Jornal das Moças) como uma interpelação de gênero, e não como algo que diz respeito às mulheres (um sujeito muito mais plural que publicações deste tipo têm suposto). Os temas tratados na revista não são atributos ou assuntos de mulheres, ou “femininos”, mas justamente performam uma imagem de mulher e de feminilidade que dizem representar. Quando uso o termo revistas “femininas”, esta palavra está sempre entre aspas.

⁸⁸ BASSANEZI, Carla. *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: Revistas femininas e relações homem-mulher: 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p.18.

O semanário *Jornal das Moças*, fonte do presente estudo, não foge às considerações descritas por Bassanezi. Era uma publicação carioca da Editora *Jornal das Moças LTDA.*, fundada por Agostinho Menezes, com circulação nacional entre os anos de 1914 e 1965. Tinha, no ano de 1960, como diretor-responsável Álvaro Menezes. Era distribuído nas capitais de todo o país, e nas principais cidades do interior do país. À época dos exemplares pesquisados, saía semanalmente nas bancas. Seu conteúdo é constituído principalmente por figurinos de moda (com os respectivos moldes no encarte) e riscos de bordados, mas possui também perfis com artistas de rádio e cinema da época, contos, receitas, além de colunas sociais e notas sobre assuntos como a educação dos filhos, o bem estar da família e o cuidado da casa.

Nas capas coloridas do *Jornal das Moças*, as modelos, sempre jovens, brancas e magras, vestem o “modelo da estação”, cujo molde poderá ser encontrado no encarte destacável da revista. As chamadas, quando presentes, referem-se aos figurinos, bordados e tricôs, e em todas as capas está presente o aviso *molde no suplemento*. O cinema e o rádio estão presentes no interior da revista, nas crônicas, nos anúncios publicitários, nas fotos e nos perfis com os artistas. As colunas variam de entrevistas com moças das elites cariocas (“Um Broto por Semana”) a crônicas voltadas aos surdos (“Nós, os Surdos”). As piadas também aparecem na publicação (“Troças e Traços”), assim como notícias de artistas de rádio e TV (“Clube dos Mexericos”). Uma revista cujo foco é a moda em corte e costura, mas onde podemos observar também outros assuntos em pauta, direcionados (e supostamente relativos) às mulheres.

Entre as seções fixas, encontramos: “Galeria dos Artistas da Tela” e “Galeria dos Artistas de Rádio”, presentes nas páginas 2 e 4, respectivamente, com fotos e pequenos textos a respeito das/os artistas do momento; “Coluna dos Clubes”, assinada por Jorge Nogueira, uma coluna social com notas sobre os clubes (e seus bailes) fluminenses; “Gota D’Água”, seção de crônicas escritas por Lílian Paes Leme, que aparecem logo no início da revista; “Vamos preparar os Quitutes”, com receitas variadas; “Você e seu lar”, com dicas para a organização da casa; “Troças e Traços”, espaço com anedotas, onde as leitoras são convidadas a enviar piadas para a revista; “Tia Carlota In...forma”, com notícias dos artistas de rádio e TV; “Primeiros socorros e prevenção de acidentes”, uma colaboração das enfermeiras

voluntárias da Cruz Vermelha Brasileira, com noções elementares de doenças transmissíveis e de conduta relativa às/aos doentes; “Lições de Tricô”, com lições detalhadas de variados pontos de tricô; “Horóscopo”, com a previsão semanal de cada signo; e, por fim, os quadrinhos, com duas páginas em média contando partes de cada história.

Existem também seções que não são recorrentes em todos os números, mas que aparecem na maior parte deles: “Um broto por semana”, onde Jorge Nogueira entrevista jovens moças das elites cariocas; “Página Sentimental”, em que Odlanra Lusac responde cartas de leitoras a procura de conselhos sentimentais; “Método prático e aperfeiçoado de corte e costura”, onde uma professora de costura ensina como cortar diversos moldes; “Mensagens de Luz”, com passagens da Bíblia; “Nós, os Surdos”, uma coluna em que Jorge Sérgio comenta assuntos relativos ao tema; “Os sonhos e sua interpretação”, onde a *Dra.* Flora Ferraz Veloso analisa os sonhos enviados pelas leitoras; “Boite News” e “Teresópolis News”, com notinhas de coluna social; e “Radioatividades”, com notícias e novidades de rádios cariocas e seus artistas.

As inserções publicitárias da revista são compostas basicamente por anúncios de produtos de beleza e higiene pessoal (sabonetes, colônias, tinturas para cabelo)⁸⁹, cursos de culinária e de corte e costura, e programas de rádio de grandes emissoras da época (Rádio Vera Cruz, Copacabana, Mayrink Veiga e Rio de Janeiro).

Inserido na revista está o suplemento “Jornal da Mulher” (escolhido como recorte de análise desta pesquisa, bem como as capas da publicação), onde são encontradas as fotos de moda e os moldes para costura. Neste suplemento está também um campo de temáticas que interpela as/os leitoras/es em uma ordem gendrada específica: o “ser mulher”, e não mais uma “moça” (trata-se do Jornal da Mulher dentro do Jornal das Moças), por meio de conselhos e “novidades” a respeito de práticas de embelezamento, moda, assuntos relativos à maternidade e ao casamento, por exemplo. Tem início com uma crônica escrita pela diretora Yara Sylvia, que funciona, nas suas palavras, como “uma orientação sobre assuntos de modas”⁹⁰, mas que,

⁸⁹ Por exemplo, colônia, talco e sabonete “Regina”, polvilho antisséptico “Granado”, talco e sabonete “Gibi”, óleo, loção, brilhantina “Phenomeno Tarré”, dentre outros.

⁹⁰ *Jornal das Moças*, 21/04/1960, p.19.

para além disso, atua construindo e atualizando significações relativas à um modo específico de “ser mulher”.

Possui também seções fixas como “Mãos de Fada” (com desenhos e riscos para bordados) e “Evangelho das Mães” (conselhos para o cuidado e educação dos filhos), além das fotos de moda e os respectivos moldes encartados. Algumas seções não são fixas mas aparecem com certa frequência, como “A mulher aqui e ali”, “Ciência e Medicina” e “Feminismo a varejo”, que, apesar do nome sugestivo, não indica sugerir qualquer proposta emancipatória das mulheres e sua posição social. Em “Feminismo a varejo”, encontramos notas intituladas “A mulher mais bela da Itália”, “Um dos manequins mais lindos de Paris” ou “Emagreceu mais sem tomar as pílulas (de emagrecimento)”, por exemplo.

No “Jornal da Mulher” podemos perceber mais explicitamente textos que indicam “conselhos” e enunciados pautando modos de existência, característica recorrente em grande parte das revistas direcionadas às mulheres⁹¹. Encontramos também as imagens de moda e notas a respeito de modas e práticas de embelezamento. A escolha deste recorte (o suplemento “Jornal da Mulher” e as capas) deve-se inicialmente ao meu interesse em analisar como as fotografias e imagens constroem específicos modos de feminilidade/feminização – visto que as capas e o suplemento são espaços em que fotografias de moda estão presentes de forma mais evidente. Ao longo da pesquisa, os textos do suplemento se mostraram um vasto campo de produção dos modos de feminilidade performados na revista, que acabei por explorar mais neste trabalho. As imagens da revista, assim como os textos do suplemento, constituem pedagogias da feminilidade que analiso.

No “Jornal da Mulher” encontramos imagens e textos que se referem exclusivamente à modos de ser (e parecer) “mulher”. Analiso este recorte procurando desconstruir as evidências de uma feminilidade que se propõe natural. Procuo mostrar que esses modelos são historicamente construídos, que são imagens performadas da feminilidade, práticas de feminilidade (ou de feminização). Todos os textos e imagens da publicação presentes neste trabalho se encontram no “Jornal da Mulher”, ou nas capas do Jornal das Moças.

⁹¹ Em revistas como Querida, Cláudia, Nova, Marie Claire, encontramos também estas características. Ver SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas “Femininas”*. In: História: Questões & Debates, n. 34. Curitiba: Editora da UFPR, 2001; e BASSANEZI, Carla. *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: Revistas femininas e relações homem-mulher: 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

A publicação se endereça à supostas leitoras, pois utiliza sempre a linguagem de interpelação ao público leitor no feminino. Além disso, parece endereçar-se mais especificamente à costureiras e bordadeiras (visto que boa parte de suas páginas apresentam moldes e riscos de bordado), com graus de escolaridade e poder aquisitivo variados.

Com caráter explicitamente pedagógico, a revista evidencia seu propósito de educar suas leitoras. A publicação se apresenta como um espaço para que as leitoras possam “dizer aquilo tudo que você quer dizer mas não sabe, que você quer saber mas não entende. Pois para isso foram criadas revistas, como JORNAL DAS MOÇAS que, desde 1914 não têm poupado esforços para ser de grande utilidade para todas as suas leitoras”⁹². Vemos que a revista, ao afirmar que irá apresentar às suas leitoras “aquilo tudo que você quer dizer mais não sabe”, se coloca no lugar de quem sabe o que a leitora precisa, indicando que ela é alguém que não sabe dizer sobre suas próprias vontades, necessidades, aspirações. Esta frase desautoriza suas leitoras sobre si mesmas, sobre a capacidade de formularem suas próprias demandas.

Nos enunciados do semanário, revista constrói e veicula uma imagem sobre si,

(...) uma revista que tem o seu nome aureolado de glórias por essas e por outras atividades que exerce, inclusive aquela de não ter ainda avançado o sinal da moralidade. (...) O JORNAL DAS MOÇAS tem um programa. Traçou-o nos primórdios de sua existência, tem-no seguido à risca, até com prejuízos para sua própria existência. Pois bem, não sairá dêle por coisa nenhuma e morrerá com êle. Será sempre uma revista para a família, embora haja quem a critique porque é uma revista nos moldes antigos.⁹³

Aqui, o *Jornal das Moças* afirma que tem um “programa”, uma pedagogia explícita. Este programa parece estar ligado a um modo de moralização em que a “família”, a moralidade e os “moldes antigos” ancoram suas normas. Esta publicação, que se define como “sempre pronta para dizer tudo o que você não sabe, o que não entende”, pauta através deste seu “programa” os modos de existência apresentados.

⁹² *Jornal das Moças*, 03/03/1960, p.19.

⁹³ *Idem*, *ibidem*.

3.2- Mulheres “de família”: esposas, “donas de casa”⁹⁴ e mães

Percebemos, nas notas veiculadas pela revista, esta orientação moralizante, onde a feminilidade é performada em um modelo de heterossexualidade compulsória:

A mulher moderna começou a ter parte ativa na vida pública e a luta pelo voto lhe ensinou a organizar-se para obter a abolição de algumas inabilitações restantes. Porém, sua evolução política não tem prejudicado, de forma alguma, os assuntos de especial incumbência da mulher: o cuidado do lar, a maternidade, o bem estar da família, a educação dos filhos. É que elas são, antes de mais nada, mulheres, situação que nenhuma carreira ou profissão consegue sobrepujar.⁹⁵

Aqui encontramos, segundo a revista, “os assuntos de especial incumbência da mulher”. Estas são as atribuições esperadas e naturalizadas da feminilidade neste espaço; afirmar que “elas são, antes de mais nada, mulheres” significa naturalizar as funções sociais de mães, esposas, assim como o trabalho doméstico. Esta feminilidade é apresentada dentro de um campo hegemônico de heterossexualidade compulsória, o que significa dizer que a heterossexualidade aparece como uma norma sociocultural naturalizada; que a orientação sexual heterossexual, o casamento, a constituição da família nos moldes heterossexuais e o trabalho doméstico não remunerado são condições “essenciais” das mulheres, e não construtos histórico-culturais.

O *Jornal das Moças* se coloca reiteradamente como uma revista para a “família”. As mulheres são constituídas na publicação em um assujeitamento à seus supostos atributos “naturais”: o cuidado do lar e dos filhos, o bem estar da família. A divisão binária de mundos e modos de existência presentes na revista nos leva a relacioná-la à finalidade reprodutiva de um sistema de heterossexualidade compulsória. Tania Swain, dialogando com Foucault, pensa também nesse sentido, analisando às publicações dirigidas às mulheres: “o corpo construído

⁹⁴ Uso a expressão “donas de casa” entre aspas pois é de uso corrente na revista, é uma categoria nativa. Esta é uma expressão problemática que relaciona as mulheres de forma imediata e naturalizada ao espaço doméstico. As “donas de casa” não são proprietárias, mas trabalhadoras domésticas, ou administradoras do espaço doméstico. O casamento é o que torna uma mulher “dona de casa”. Ou seja, ao estabelecer uma relação matrimonial com um homem, um campo de trabalho não remunerado e invisibilizado é automaticamente atribuído a mulher. O trabalho doméstico camuflado de identidade feminina (a identidade “dona de casa”) é um modo de exploração do tempo e da energia das mulheres.

⁹⁵ *Jornal das Moças*, 07/04/1960, p.24.

em feminino exprime as modalidades culturais que o confinam a um gênero que se torna inteligível, ‘na medida em que mantém relações de coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo’⁹⁶.

A heterossexualidade compulsória, enquanto norma naturalizada, se mostra um dos mecanismos pelos quais relações desiguais e hierárquicas de poder são estabelecidas, mantidas e atualizadas. No *Jornal das Moças*, o casamento heterossexual aparece como norma e desejo, e assim prescrito a partir de regras veiculadas e reafirmadas:

MANDAMENTOS DA ESPÔSA ITALIANA

I – Ama a teu marido sôbre todas as coisas e a teu próximo o melhor que possas, mas recorda-te que o lar pertence a teu marido e não a teu próximo.

II – Considera a teu marido como a um hóspede de honra, como a um precioso amigo e não como a uma amiga a quem se contam as pequenas mortificações da existência. Se podes passa sem essa amiga.

III – Que a casa esteja em ordem e teu rosto sorridente na hora do teu marido regressar ao lar, mas, se isso não puder acontecer, desculpa-te da melhor maneira.

IV – Não peças coisa alguma supérflua para a casa. Se podes fazê-lo, exige somente alegre, um pouco de espaço livre e tranquilidade para os filhos.

V – Que teus filhos estejam sempre bem arranjados e limpos e que tu, como eles, esteja limpa e arranjada.

VI – Lembra-te que te casaste com ele para acompanhá-lo na boa ou má sorte. Se todo mundo o abandona, deves conservar suas mãos entre as tuas.

VII – Se ainda vive a mãe de teu marido, lembra-te que toda a tua bondade e abnegação serão poucos para aquela que o acalentou em seus braços quando criança.

VIII – Não peças o impossível; se és útil, já és ditosa.

IX – Se sobrevém a desgraça, não desanimes nem te desesperes: a calma voltará. Tem confiança em teu marido, e êle terá coragem pelos dois.

X – Se teu marido se afasta de ti, espera-o. Pois não és apenas sua esposa, és a honra de seu nome. Um dia êle voltará agradecendo-te a indulgência e admirando-te ainda mais.⁹⁷

Os “mandamentos da esposa” indicam um primeiro campo de sentidos deste discurso: a referência à bíblia, aos 10 Mandamentos, a um conjunto de leis divinas. Situando-se no campo de referências de valores cristãos, a revista faz uma adaptação dos 10 Mandamentos, endereçando um específico conjunto de ordens para as mulheres-esposas. Note-se que não se tratam de recomendações, mas de ordens que se pretendem divinas, de mandamentos,

⁹⁶ SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas “Femininas”*. In: *História: Questões & Debates*, n. 34. Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p.41.

⁹⁷ *Jornal das Moças*, 04/02/1960, p.23.

estabelecendo a feminilidade matrimonial em uma moralidade patriarcal e no campo de referência judaico-cristão.

Relações de poder nitidamente hierárquicas confinam as mulheres-esposas à renúncia, à abnegação, à utilidade, à espera – independentemente do comportamento do marido, que é apresentado como o centro da vida da esposa, e como uma autoridade indiscutível. Estes mandamentos situam a mulher-esposa à serviço e ao deleite de seus maridos; esse é o modelo de feminilidade que o texto sugere que as mulheres encarnem, são pedagogias patriarcais do casamento pautadas pela revista. Em muitos dos exemplares analisados, encontramos também modas de vestidos de noivas, reiterando a mística e atualizando o desejo, como nas imagens apresentadas a seguir:



Chamo a atenção para o fato de aparecerem, em alguns momentos, imagens de vestidos de noivas, como as exemplificadas aqui, após textos que providencialmente relatam

“pesquisas científicas” referentes ao desejo do matrimônio. Na nota intitulada “Elas querem o diploma mas também um marido!” é narrada uma pesquisa na Suécia que demonstraria a tendência de estudantes ao matrimônio, durante o ensino superior. “*Isto acontece de um modo especial com as moças – esclarece o professor sueco – pois, em muitos casos, na Europa, principalmente, assim que elas ingressam nas universidades, procuram não apenas conseguir o diploma, mas também um marido...*”⁹⁸. Estes discursos indicam e naturalizam o casamento heterossexual como vontade imperativa – as mulheres ingressam nas universidades não apenas para estudar, mas também para “conseguirem um marido”, e assim realizarem o modelo de feminilidade que lhes foi *destinado*.

Em outra nota, há também um uso retórico do “científico” para autorizar o programa de sexo/gênero da revista. Desta vez uma “enquete”, onde, com os títulos e subtítulos “Todas as mulheres sonham com um lar” e “CASAMENTO: O MAIOR DESEJO” (texto em caixa alta), a revista ensina que o maior desejo das mulheres é o casamento:

Uma “enquete” recentemente realizada pela YWCA (Associação Cristã de Moças), nos Estados Unidos, revelou aspectos bem impressionantes sobre os desejos e aspirações das mulheres, no que tange ao futuro de cada uma delas. (...)

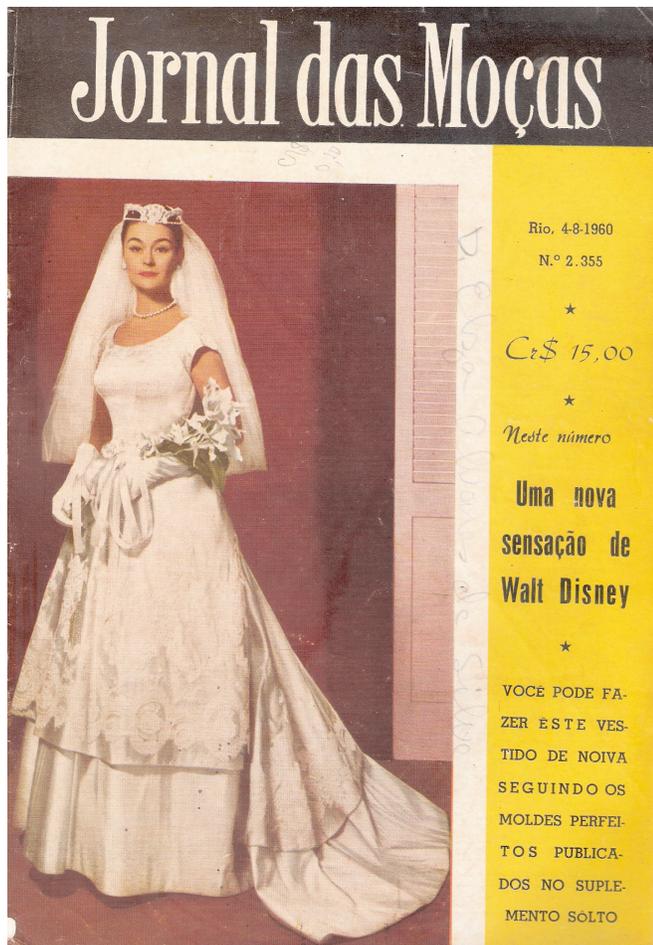
Todos os três grupos de entrevistadas revelaram, numa quase unanimidade, que o maior desejo das mulheres, quanto ao futuro, é o casamento. Casar, ter filhos e não precisar trabalhar fora. Preferem elas, como se verifica, criar um verdadeiro lar, dedicando-se, exclusivamente, a cuidar dos filhos e do marido. (...)⁹⁹

O casamento, o “maior desejo de todas as mulheres”, aparece reafirmando prescrições ordenadoras das relações entre os sexos nas sociedades patriarcais. As imagens e os textos do *Jornal das Moças* produzem performativamente o desejo do casamento, naturalizando-o. Produzindo o efeito de uma “essência” das mulheres, na qual a união heterossexual e sua institucionalização, o casamento, aparece como o “maior desejo”, a revista performa um mundo em que estes programas de sexo/gênero constituem a própria feminilidade. Adrienne Rich, nesse sentido, propõe uma reflexão sobre a natureza e a extensão das pressões heterossexuais, sobre o feixe de forças pelo qual “as mulheres têm sido convencidas de que o

⁹⁸ *Jornal das Moças*, 02/06/1960, p.28-29.

⁹⁹ *Jornal das Moças*, 25/08/1960, p.28.

casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas – mesmo se opressivos e não satisfatórios”¹⁰⁰.



Rich pensa a idealização do “amor romântico” e do casamento heterossexual como algumas das formas de manifestação do poder masculino, expressando o controle da consciência feminina e naturalizando a opressão. A mística do romance heterossexual, do casamento como destino de todas as mulheres, “irradiada na jovem desde sua mais tenra infância por meio dos contos de fada, da televisão, do cinema, da propaganda, das canções

¹⁰⁰ RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v.4, n.5, p.17-44, jan./jun. 2010, p.26.

populares e da pompa dos casamentos”¹⁰¹, serviria de eficaz instrumento de perpetuação da dominação masculina (pensando aqui nas mulheres forjadas no seio destes aparatos ocidentais). A doutrinação prematura das mulheres pelas imagens do matrimônio associado ao “amor romântico” constituiria, desta maneira, modelo de assujeitamento das mulheres à uma existência heteronormativa e subalterna.

Em outras palavras, podemos pensar que as mulheres se constituem em um espaço social em que a percepção de si é marcada pelas pedagogias do amor romântico e do casamento heterossexual, de modo que uma sensibilidade específica é produzida, onde subalternidade e dependência são centrais. Tais pedagogias atuam na produção de modos de ser e pensar e sentir, e apresentam mundos, performam mundos que se apresentam como universos possíveis ou ideais.

Assim, na “pesquisa” veiculada pelo *Jornal das Moças* (um suposto estudo científico criteriosamente elaborado), aprende-se que “o maior desejo das mulheres (...) é o casamento. Casar, ter filhos e não precisar trabalhar fora. Preferem elas, como se verifica, criar um verdadeiro lar, dedicando-se, exclusivamente, a cuidar dos filhos e do marido”¹⁰². Este desejo e esta aptidão são afirmados e atualizados como próprios da “natureza” das mulheres. Diferenças de sexo/gênero historicamente construídas são aqui naturalizadas; pedagogicamente, a revista institui desejos e atualiza “verdades” politicamente interessadas.

Nesse sentido, é preciso problematizar a naturalização do cuidado materno, e a demanda de que as mulheres sejam as provedoras do cuidado e conforto em outras esferas. Na revista, percebemos as relações naturalizadas de cuidado mãe-filha/o se estenderem às relações mulheres-homens. Podemos pensar aqui esta demanda dentro do campo de sentidos da heterossexualidade compulsória, pensar “o reforço da heterossexualidade para as mulheres como um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas”¹⁰³. No *Jornal das Moças*, onde as mulheres são ensinadas e incentivadas reiteradamente a cuidar do marido, dos filhos e do “lar”, percebemos a operação destes mecanismos de poder:

¹⁰¹ RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v.4, n.5, p.17-44, jan./jun. 2010, p.31.

¹⁰² *Jornal das Moças*, 25/08/1960, p.28.

¹⁰³ RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v.4, n.5, p.17-44, jan./jun. 2010, p.34.

UMA SAGRADA TAREFA

A boa mãe de família é aquela que cuida do bem estar e comodidade de todos os seus, para os quais prepara uma perfeita saúde física e moral e lhes faz a vida mais agradável e prazerosa.

Cumprindo sua tarefa com amor e com gosto e emprestando à sua missão um pouco de sua alma, certamente encontra singularmente aliviado seu trabalho, os pormenores mais fastidiosos se tornarão fáceis.

Sabendo dirigir seus subordinados com doçura e firmeza e não obedecendo a um capricho momentâneo, sua vontade é respeitada e tudo se realiza admiravelmente em seu lar.

A idéia de predomínio deve ser abandonada por completo, exercendo, ao contrário, a difícil tarefa com responsabilidade e cordura.¹⁰⁴

A expressão do título “sagrada tarefa” novamente faz referência a um campo de sentidos religiosos, performando (por associação) a feminilidade matrimonial em um específico universo de valores. O cuidado com a família, a dedicação, o trabalho com prazer, a abnegação são apresentadas como características desejadas nas mulheres, e ao mesmo tempo atributos naturalizados de esposas, mães e “donas de casa”. O “lar” é mostrado constantemente como seu domínio, como seu espaço de investimento e ação. Como tecnologia de gênero, o *Jornal das Moças* produz e atualiza significações que confinam as mulheres ao espaço da domesticidade, forjado histórica e culturalmente mas tratado como próprio de sua “natureza”. Nesta revista, o apelo e o vínculo das mulheres ao casamento (à família) e à sua morada aparece repetidas vezes:

ONDE SE APERTA MAIS O LAÇO DO AMOR

(...) Os recantos domésticos são hoje o maior encanto do lar moderno. São os lugares geralmente preferidos, pois aí se acha o sedante espiritual necessário como compensação à intensa luta diária.

Na sala de jantar reúne-se a família, e deve ser esta peça motivo de nossa particular atenção.

Nunca será excessivo o empenho que ponha a dona de casa no adorno e aspecto atraente da mesa.

Os conjuntos e efeitos mais visados poderão lograr-se hoje, pois estão ao alcance de qualquer bolsa; as peças de vidro, cristal, porcelana e louça são de linhas maravilhosas e de cores e graças bem apropriadas.

É nessa peça que se aperta mais o laço do amor à família.¹⁰⁵

¹⁰⁴ *Jornal das Moças*, 29/09/1960, p.20.

O ambiente doméstico, e o cuidado diário exercido para sua manutenção, está aqui diretamente relacionado às mulheres. A participação dos homens no trabalho doméstico aparece raramente nos exemplares analisados, e, quando acontece, não é considerada “harmônica com a natureza masculina”; aparece na revista como “injusto” exigir “precisão nos assuntos domésticos”; ou então aparece em textos que encorajam nitidamente a função como de máximo interesse das “donas” da casa:

(...) É razoável a cooperação do marido na manutenção da ordem do lar. Seria injusto, no entanto, da parte da esposa, exigir do marido precisão e minúcia absolutas nos assuntos domésticos, nem sempre harmônicos com a natureza masculina.¹⁰⁶

Deve a mulher receber auxílio do marido nos trabalhos domésticos?

Segundo o ponto-de-vista de um psicólogo americano, os trabalhos domésticos não têm efeito negativo. Através de estatísticas, constatou ele que em 100 mulheres que têm auxílio dos maridos (ou de empregadas) no trabalho da casa, somente 33 chegam à idade avançada, enquanto que de cada 100 que se propõem elas mesmas a cuidar de seus trabalhos, 96 chegam à idade de 80 anos... (...)¹⁰⁷

Aqui novamente vemos o uso de um discurso que se ancora em uma autoridade tomada como científica (as estatísticas e um psicólogo) para reafirmar uma imagem que a revista reiteradamente produz sobre o que é ser mulher. O trabalho doméstico ou o “cuidado com o lar”, como muitas vezes é apresentado, é tratado como uma atribuição natural das mulheres ou como algo que as beneficia (aumentando sua expectativa de vida). Isso é o que aprendemos com as estatísticas trazidas por um especialista, autoridade (masculina) sobre o assunto. O trabalho doméstico feminizado, a vocação prioritária naturalizada e atualizada pela revista, não é nunca problematizado ou questionado como trabalho não pago. Estes discursos do cuidado feminino com o lar constituem normas regulatórias, historicamente contingentes, mas que se apresentam naturalizadas.

¹⁰⁵ *Jornal das Moças*, 10/05/1960, p.19.

¹⁰⁶ *Jornal das Moças*, 11/08/1960, p.29.

¹⁰⁷ *Jornal das Moças*, 25/02/1960, p.23.

Em outra nota, as estatísticas desencorajam o trabalho fora de casa, e, ainda quando o mesmo aparece, o vínculo com o cuidado da casa, das/os filhas/os e do marido é reforçado:

ANTES DE TUDO ELAS SÃO ESPOSAS E MÃES

A melhor prova de que a mulher moderna não sacrifica os seus deveres de espôsa, de mãe e de dona de casa, a fim de se dedicar a outras atividades, tais como a social, a política, a industrial, etc., pode ser dada através das estatísticas, pois não é errado dizer que, na maioria dos casos, os números falam mais do que as palavras.

Segundo revelaram estatísticos norte-americanos, vinte milhões de mulheres trabalham, atualmente, nos Estados Unidos, sendo que mais de nove milhões delas são casadas e dirigem pessoalmente seus lares.

Com base, ainda, nas estatísticas, podemos informar, levando em conta recentes dados oficiais que existem hoje na China duzentos e cinquenta milhões de mulheres trabalhando na agricultura, na indústria e no comércio. A quase totalidade dessas mulheres são de família e tôdas elas representam a contento o seu papel de donas-de-casa.¹⁰⁸

A nota acima aparece na seção “Feminismo à varejo”, no *Jornal das Mulheres* – este é o feminismo que a revista propõe à suas leitoras. Os “deveres de espôsa, de mãe e de dona de casa” parecem ser apresentados paradoxalmente como normas (deveres) e uma escolha ou vocação das mulheres. Usando um raciocínio vago, com palavras de ordem conclusivas, mas sem argumentos, as afirmações pretendem se justificar em estatísticas (em um discurso pretensamente neutro e/ou científico, dito estatístico), para defender um ponto: o trabalho doméstico é uma atribuição feminina.

Afirma-se que “todas elas representam a contento o seu papel de donas-de-casa”. O lar, a família, o marido, as/os filhas/os aparecem como prioridades inquestionáveis (nesta nota, conciliados ao trabalho fora de casa, estabelecendo a dupla jornada de trabalho). Tania Swain, discutindo sobre revistas “femininas”, observa que, de fato, “o que se nota é uma certa condescendência em relação à mulher profissional, cuja atividade seria apenas um acréscimo às suas tarefas habituais, nunca uma modificação da divisão ‘natural’ do trabalho”¹⁰⁹.

¹⁰⁸ *Jornal das Moças*, 02/06/1960, p.28.

¹⁰⁹ SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas “Femininas”*. In: *História: Questões & Debates*, n. 34. Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p.21.

Na nota a seguir percebemos que, para o *Jornal das Moças*, a rua não constitui espaço “natural” de deslocamento das mulheres, pois aqui são dadas como “menos aptas” do que os homens para circular por este espaço definido como de domínio masculino:

CORREM MAIS RISCO AS DONAS-DE-CASA

As delegacias de trânsito da Alemanha ocidental iniciaram uma série de cursos instrutivos dedicados às donas-de-casa, pois, segundo o estudo das estatísticas, elas são mais propensas aos acidentes de trânsito.¹¹⁰

Os ditos “estudos” e “estatísticas” publicados pela revista afirmam que as “donas de casa” são mais propensas aos acidentes de trânsito. É preciso se perguntar o que significa ser “mais propensa” a tais acidentes. Do que se trata essa afirmação? Estas “pérolas informativas” apresentadas pela revista carecem de qualquer argumentação mínima, de qualquer evidência sustentada. Em uma completa (des)articulação argumentativa, a revista está repleta de falsos encadeamentos, com enunciados sem qualquer conexão. Recorrentemente, informações parcas e inconclusivas são acompanhadas de afirmações retumbantes sobre as mulheres. Discursos que constroem e delimitam o seu espaço de ação, que as disciplinam e normatizam.

As mulheres aparecem aqui literalmente “treinadas” na função de dona de casa, como observamos a seguir:

PALAVRAS SENSATAS

Disse R. Dias-Alejo: “Para que a família melhore integralmente, há que instruir à mulher em assistência social técnica e em economia doméstica. As atrações e as distrações do espírito devem alternar com a educação física.”¹¹¹

Instruídas para melhor desempenharem sua vocação “natural” – estas são as marcas do modelo de feminilidade instituído pela publicação. Nesta revista, as mulheres aparecem repetidamente definidas a partir das ocupações domésticas, do cuidado com marido e com as/os filhas/os. Aparecem definidas também pelas características consideradas próprias desta

¹¹⁰ *Jornal das Moças*, 16/06/1960, p.21.

¹¹¹ *Jornal das Moças*, 23/06/1960, p.25.

feminilidade, como instinto materno, bondade, abnegação, doçura. Características essencializadas que configurariam o que Tania Swain chama de “verdadeira mulher”, ou seja, “aquela que é constituída para o amor, para a maternidade, para a sedução, a complementação do homem, costela de Adão reinventada”¹¹².

Desta maneira, a família heterossexual e esses atributos essencializados na “verdadeira mulher” (sedução, maternidade, submissão, altruísmo, abnegação) constituiriam, na revista, matrizes de inteligibilidade, contingentes, que constroem o corpo naturalizado em sexo feminino. Monique Wittig sustenta que o conceito de “mulheres” nunca foi um conceito simples e também propõe pensa-lo como uma construção política; e afirma que a acusação dirigida às que resistiam ao conceito, como as lésbicas, era a de que não eram mulheres “verdadeiras”¹¹³.

A heterossexualidade compulsória, nesse sentido, constitui elemento fundante do “mito da mulher”, ao naturalizar as relações que estão na base da sociedade (heterossexual), mas que são historicamente contingentes. Para Wittig,

Em nossas mentes e em nossos corpos somos levadas a corresponder, característica a característica, à idéia da natureza que foi estabelecida para nós; tão perversa que nosso corpo deformado é o que eles chamam “natural”, o que supostamente existia antes da opressão; tão distorcido que no final das contas a opressão parece ser uma consequência dessa “natureza”, dentro de nós mesmas (uma natureza que é somente uma idéia). (...) ¹¹⁴

O sujeito lésbico oferece, para a autora, a única possibilidade social de se viver livremente, pois a lésbica não é uma “mulher” – as mulheres só podem ser pensadas dentro de um campo político e econômico de heterossexualidade compulsória. Nas palavras de Wittig,

(...) o que faz uma mulher é uma relação social específica com um homem, uma relação que chamamos servidão, uma relação que implica uma obrigação pessoal e física e também

¹¹² SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas “Femininas”*. In: História: Questões & Debates, n. 34. Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p.20.

¹¹³ WITTIG, Monique. *Ninguém nasce mulher*. 1980. Acessível em: <http://mulheresrebeldes.blogspot.com/2009/04/ninguem-nasce-mulher.html>, em dezembro de 2012.

¹¹⁴ Idem, *ibidem*.

econômica (“residência obrigatória”, trabalhos domésticos, deveres conjugais, produção ilimitada de filhos etc.), uma relação a qual as lésbicas escapam quando rejeitam tornar-se ou seguir sendo heterossexuais. (...)¹¹⁵

O “pensamento *hetero*” se mostra evidente nos discursos da revista, onde não há questionamento da heterossexualidade como elemento fundante da opressão/construção da feminilidade. As práticas discursivas da revista performam uma imagem da feminilidade, de um “ser mulher” relacionado a uma “ideia de natureza que foi estabelecida para nós”, como diz Wittig. Entretanto, essa feminilidade performada constitui uma “relação social específica com um homem”, em que uma série de obrigações estão envolvidas, assim como posições de subalternidade estão implicadas.

Wittig pensa a linguagem como um conjunto de atos que, reiterados repetidamente, produzem efeitos de realidade que acabam percebidos como “fatos”. O poder atribuído à linguagem, para Wittig e também para Butler, é enorme. “Conceitos, categorias e abstrações podem praticar uma violência material contra os corpos que eles afirmam organizar e interpretar”¹¹⁶. Dessa forma, podemos pensar que as práticas discursivas da revista podem atuar materialmente sobre nossos corpos, delimitando espaços e lugares de ação.

O Jornal das Moças, enquanto tecnologia do gênero, institui e reifica práticas normativas de sexo-gênero, contribuindo para a construção de uma feminilidade heteronormativa e subalterna. Constituem discursos que, em seu conjunto de imagens e sentidos, veiculam normas regulatórias que organizam e qualificam corpos e sensibilidades, que delineiam modos de ser e estar no mundo.

A maternidade, requisito fundante da heterossexualidade compulsória, aparece reiteradamente na publicação. Por meio do “dever sagrado” de ser mãe, a existência das mulheres é afirmada pela sua capacidade reprodutora. A maternidade, ou o “instinto materno”, são tidos como atributos “naturais”, como aparece na seção *Evangelho das Mães*:

¹¹⁵ WITTIG, Monique. *Ninguém nasce mulher*. 1980. Acessível em: <http://mulheresrebelde.blogspot.com/2009/04/ninguem-nasce-mulher.html>, em dezembro de 2012.

¹¹⁶ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.168.

Tôdas as mães sabem contar contos ou, falando melhor, todas as mulheres, e até a mais rude, encontra no íntimo de seu espírito a imagem longínqua que lhe serve para elaborar o conto infantil de que necessita, frente ao olhar interrogante e ansioso da criança.

Os melhores contos não são, precisamente, aqueles que formam parte das antologias, são os que as mães sensíveis “compõem” para seus filhos.¹¹⁷

Todas as mulheres, de acordo com a revista, têm “no íntimo de seu espírito” a vocação para a maternidade. É algo que faz parte da sua constituição, do “ser mulher”. Por meio de notas e imagens, a revista segue construindo e atualizando os contornos da “verdadeira mulher”, e de seu “destino natural”, o casamento e a maternidade. A capacidade de reprodução aparece com o peso “de uma fatalidade que definiria a mulher enquanto *verdadeira* mulher”¹¹⁸. Através de discursos da maternidade, o *Jornal das Moças* segue instituindo as marcas fundantes de uma feminilidade naturalizada. Para Tania Swain, a maternidade, uma função orgânica,

é promovida em termos simbólicos a um nível identitário, essencial, portadora de um destino social ancorado no corpo. Objetiva-se, desta forma, a imanência que faz das mulheres este corpo fractal: é a apropriação social do corpo construído em mulher que confere a todas as mulheres um destino biológico, quase uma fatalidade.¹¹⁹

A heterossexualidade compulsória aparece, então, na revista, instituindo uma noção de “família”, especificamente o núcleo familiar constituído pela mãe, pai e filhas/os – uma articulação entre casamento, maternidade e heterossexualidade¹²⁰. Pensadas dentro de um campo político e econômico hierárquico, às mulheres é destinado um “corpo/sexo/matriz”.

¹¹⁷ *Jornal das Moças*, 26/05/1960, p.25.

¹¹⁸ SWAIN, Tânia Navarro. *Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade*. In: STEVENS, Cristina. *Maternidade e feminismo – diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007, p.203.

¹¹⁹ SWAIN, Tânia Navarro. *Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade*. In: STEVENS, Cristina. *Maternidade e feminismo – diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007, p.205.

¹²⁰ SWAIN, Tânia Navarro. *Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade*. In: STEVENS, Cristina. *Maternidade e feminismo – diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007, p.219.

Assim, por um lado, o discurso da “natureza” faz da possibilidade de procriação a essência da mulher, tirando-lhe ao mesmo tempo o papel de sujeito e a posse de seu corpo; por outro, a instituição do casamento, em particular, e da heterossexualidade obrigatória, em geral, fazem com que as mulheres possam ser apropriadas individual e coletivamente pelos homens, em sua força de trabalho e em sua sexualidade.¹²¹

No *Jornal das Moças* encontramos pautadas nitidamente as regras que assujeitam as mulheres às/aos filhas/os, ao lar, ao marido:

UMA GRANDE ADVERTÊNCIA

É necessário que as mães voltem as vistas para seus lares, que praticamente estão abandonando pelas exigências da chamada vida social.

É impossível que exista boa organização interna no lar se a mãe, que é a sua figura principal, e, por isto mesmo, insubstituível, delega sua missão aos criados de aluguel ou, o que ocorre também a miúdo, se entrega à renúncia, simplesmente.

O dever essencial, inescusável, de uma mãe, é ocupar-se em dirigir pessoalmente a educação de seus filhos, que necessitam de seus cuidados, de seu valor, e, sobretudo, de seu exemplo, para que se possam desenvolver sãos de corpo e de espírito.

As mães que malgastam suas energias vitais fora de seu lar em vãos e egoísticos prazeres, defraudam seus maridos e seus filhos.¹²²

ROUPA TECIDA

Tecer roupas é um dos trabalhos que as mães se entregam modernamente com prazer.

Com o altruístico desejo de agasalhar seus filhos, as mãos de uma mãe não se cansam. Tecem a tôda a hora, de pé ou sentada, em casa e fora dela. Os livros, jornais e revistas são postos de lado pelo desejo de tecer, a não ser quando êstes livros, jornais e revistas tragam algo sobre o assunto.

De quase tôdas as bolsas femininas assomam as agulhas de tecer, e êsse trabalho torna mais comunicativas as mulheres entre si.

Os mais beneficiados com as prendas tecidas a mão são as crianças, tanto as pequeninas como as colegiais. (...) ¹²³

¹²¹ SWAIN, Tânia Navarro. *Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade*. In: STEVENS, Cristina. *Maternidade e feminismo – diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007, p.211.

¹²² *Jornal das Moças*, 25/02/1960.

¹²³ *Jornal das Moças*, 31/03/1960, p.52.

As duas notas citadas se encontram na seção *Evangelho das Mães*, do “Jornal da Mulher”. O Jornal das Moças expõe, desta maneira, suas regras: reafirma a maternidade como “essência” das mulheres, a heterossexualidade como fundamento dos corpos que se fazem femininos e o casamento como desejo e destino de todas, determinando a domesticidade como espaço “natural” e esperado das mulheres. Como tecnologia do gênero, a revista atua produzindo modelos de feminilidade que vincula as mulheres a estes que seriam os seus maiores desejos, e destino: o casamento, a constituição do lar, a maternidade.

3.3- Jornal das Moças/ Jornal da Mulher: algumas considerações

O recorte de análise proposto por este trabalho constitui dois espaços do Jornal das Moças que considero fundamentais para pensar a construção da feminilidade na revista. Um deles são as capas da publicação, onde aparecem as fotos de moda e suas manequins; e o outro é o suplemento “Jornal da Mulher” (que tem como subtítulo “Revista semanal de figurinos e bordados”), parte integrante e especial que está localizada no meio da revista, e que considero de particular importância para se pensar os “modos de ser mulher” veiculados.

Em uma das *Crônicas* sobre modas que inicia o suplemento, percebemos algumas pistas que nos ajudam a pensar os significados possíveis da relação entre o Jornal das Moças e o Jornal da Mulher:

Muita coisa se tem escrito sobre a moda atual e não temos deixado as nossas leitoras sem nenhuma informação. Disso – temos, aliás, a certeza e essa certeza nos vem das cartas que recebemos, que são sempre um incentivo para nós. Alegam nossas amigas que, JORNAL DAS MOÇAS sempre trouxe e tem trazido para elas, constantemente, um cabedal muito grande de ensinamentos, de vez que não perdem um só número, porque sabem que nós não descuidamos e que temos uma maneira incisiva de dizer as coisas.

Aproveitamos o ensejo para agradecer a todas, em geral, e dizer que tudo quanto fazemos pelo JORNAL DAS MOÇAS é uma obrigação nossa, porque, trazê-las bem informadas de tudo, é um sinal de que a nossa revista corresponde, integralmente, tudo quanto o seu nome diz. JORNAL DAS MOÇAS e o JORNAL DA MULHER são dois nomes que se complementam. (...) ¹²⁴

Os dois nomes se complementam – mas é no Jornal da Mulher que encontramos pedagogias da feminilidade de maneira marcada e explícita. Normas regulatórias que pautam existências, que constroem uma feminilidade fundada no que Wittig chama de “mito da mulher” – a naturalização de uma feminilidade que é histórica e contingente, tendo por matriz a heterossexualidade. Esposas (heterossexuais), mães e donas de casa, eis o modelo veiculado e reiterado pelo Jornal da Mulher. A maternidade, a submissão, o altruísmo, a abnegação, a sedução, características da “verdadeira mulher” nomeadas por Swain, integram a feminilidade performada em suas páginas.

¹²⁴ *Jornal das Moças*, 10/05/1960, p.19.

No *Jornal da Mulher*, a feminilidade é construída e performada também – e de maneira bastante consistente – através da moda, da medida dos corpos, das práticas de embelezamento, como veremos no capítulo a seguir. Junto à naturalização de uma “essência” das mulheres, os contornos e limites de seus corpos são também politicamente definidos.

A “verdadeira mulher” aparece reiteradamente na publicação. Na nota abaixo, percebemos articulados alguns dos eixos que evidenciam seus atributos: divina, bela, mãe. Mulheres identificadas com a “natureza”: são a própria natureza, a “essência” da “verdadeira mulher” reafirmada na/pela revista:

A MULHER depois que avança no contar dos anos, e que chora, torna-se bela. Seu pranto é o pranto que a faz divina, que provoca em nós êsse respeito, essa veneração que temos pela mulher. Em geral a mulher que chorando é bela, é mãe.

A mulher que sorri, a mulher que ainda não é mulher é ainda menina-moça também é bela, também é divinal, mas quando sorri. O sorriso do brotinho é todo o encanto de uma vida que está chegando. O brotinho sorri e tudo o mais sorri com êle. É a natureza desabrochando as suas mais lindas flores.

É por isso que essa página ganhou êsse título: sorrisos

Tudo é sorriso, é alegria (...) para fazer felizes a todos nós.¹²⁵

O sorriso é um dever das moças, “para fazer felizes a todos nós”, atribuição naturalizada de uma feminilidade politicamente constituída. O sorriso da moça, “que ainda não é mulher” (mas que será), aparece relacionado dicotomicamente ao pranto da mãe, da mulher. Aqui, a revista apresenta uma clara distinção entre moça e mulher. A moça deve sorrir para ser “divinal” – a obrigação do sorriso é uma corrente programação da feminilidade. A mulher é mãe, é alguém que está dentro da ordem hetero, do casamento, da reprodução.

O “*Jornal da Mulher*” apresenta um campo de práticas discursivas não tão evidenciadas no restante do *Jornal das Moças*: maternidade, casamento, trabalho doméstico (chamado na revista de “cuidados com o lar”), além de tratar de forma central de moda, de costura e de práticas de embelezamento. A revista ensina que ser mulher é ser mãe, e que esta chora, diferente da moça que é toda sorriso. É curioso notar que apesar de toda a glorificação do casamento e da maternidade, a revista mesmo indica que estes lugares são lugares de pranto, de choro “da mulher”.

¹²⁵ *Jornal das Moças*, 17/03/1960, p.19.

Sorrisos...

A MULHER depois que avança no contar dos anos, e que chora, torna-se bela. Seu pranto é o pranto que a faz divina, que provoca em nós êsse respeito, essa veneração que temos pela mulher. Em geral a mulher que chorando é bela, é mãe.

.....

A mulher que sorri, a mulher que ainda não é mulher é ainda menina-moça também é bela, também é divina, mas quando sorri. O sorriso do brotinho é todo o encanto de uma vida que está chegando. O brotinho sorri e tudo o mais sorri com êle. E' a natureza desabrochando as suas mais lindas flores.

E' por isso que esta página ganhou êsse título:

Sorrisos

Tudo é sorriso, é alegria, é colorido, é uma expressão do incontento, do que está por vir. Para agradar, para alegrar, para inebriar, para fazer felizes a todo snós.

YARA SYLVIA



Jornal da Mulher

REVISTA SEMANAL
DE FIGURINOS
E BORDADOS

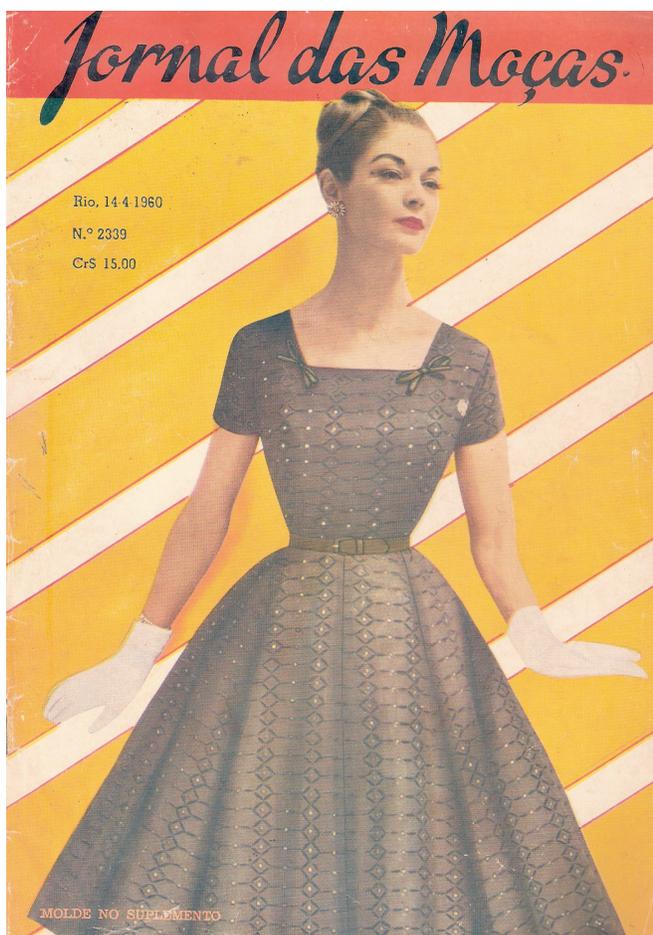
RIO, 17 DE MARÇO DE 1960
ANO XXX — N.º 1545

Direção
de
YARA SYLVIA

Capítulo 3

O corpo educado no *Jornal das Moças*

3.1- O corpo educado



Neste capítulo, pretendo argumentar como corpos são construídos e esculpidos em modelos de gênero, moldados e definidos pelas práticas normativas veiculadas e reiteradas pela publicação. Para além das funções sociais de esposa, mãe e “dona de casa”, atributos naturalizados da feminilidade performada na revista, sujeitos mulheres são também forjados através de imagens e textos que ensinam como deve ser e, principalmente, *parecer* uma

mulher. Foco a reflexão no modo como os corpos são delineados a partir das praticas, em como seus contornos são politicamente significados.

As notas e fotos das manequins presentes no suplemento “Jornal da Mulher”, bem como nas capas do Jornal das Moças, trazem significados a respeito de *como devem ser* os corpos femininos, representações de gênero historicamente construídas que são naturalizadas nos discursos da publicação. Agenciando corpos e sensibilidades, a revista constrói o gênero, ou melhor, institui pedagogicamente práticas de sexo/gênero¹²⁶. A feminilidade na revista pressupõe práticas e disciplinas a serem seguidas, consideradas desejáveis. A moda, bem como gestos e comportamentos específicos, aparecem como parte desse processo, como observamos abaixo:

Dois exercícios para melhorar a linha do corpo:

A elegância não tem por base, apenas, o bom gosto em escolher roupas e no vesti-las, e as boas maneiras e o comportamento da mulher tanto em casa como em público. A elegância tem por base, antes de mais nada, o físico de cada mulher. E mais que todas as outras até agora surgidas, as novas tendências da moda exigem um corpo de linhas perfeitas. Para que a leitora possa conseguir isso, propomos dois exercícios de ginástica fáceis de realizar, que somente requerem alguns minutos diários. (...) ¹²⁷

Percebemos no texto a exigência de um “físico” específico para que as mulheres alcancem e performem o ideal normativo veiculado pela revista. Por meio de artifícios como a “busca da elegância”, as “tendências da moda”, aspectos valorizados e ressaltados repetidamente na publicação, discursos instituem práticas regulatórias e funcionam como espaços de poder. Aqui, a moda e a “elegância” exigem “um corpo de linhas perfeitas” e indicam um modo de regulação e controle dos corpos através de exercícios de ginástica “fáceis de realizar”. Por meio de fotografias e textos, o Jornal das Moças atua produzindo modelos de feminilidade como o descrito acima, definindo suas marcas e atributos fundamentais.

¹²⁶ Ao mostrar como a feminilidade é historicamente construída por tecnologias diversas de poder, e que a revista aqui analisada constitui uma dessas tecnologias, ao afirmar que os sujeitos sociais são construídos historicamente, não pretendo afirmar que são determinados por estas tecnologias, excluindo sua capacidade de agência. A intenção é mostrar “que sujeitos que instituem ações são eles mesmos efeitos instituídos de ações anteriores, e que o horizonte em que agimos está aí como uma possibilidade constitutiva de nossa capacidade de agir” (BUTLER, 1998:19).

¹²⁷ *Jornal das Moças*, 26/05/1960.

Em outra nota, intitulada *Uma mulher que não fala é uma estátua*, podemos notar mais um exemplo da feminilidade performada na revista – exercícios que constroem e definem, que regulam e normatizam:

A mulher deve dedicar à sua voz e ao seu sorriso a mesma atenção que dedica às suas rugas, pois a expressão descuidada no falar e no sorrir é de muito mal gosto e contribui mais do que se crê para ocultar os traços mais bonitos da boca mais perfeita. E é tão fácil “educar” tanto a voz como o sorriso! Alguns minutos de exercício, diante do espelho, digamos, é o que aconselha famosa especialista em assuntos de beleza, pois, além de ouvir a si própria, você poderá, também, corrigir suas expressões.

Uma mulher que não fala é uma estátua antipática. A mulher deve falar e sorrir, porém com discrição, com finura; sem artifícios e afetações. Com sua voz e seu sorriso, ela deve combinar o encanto da sobriedade no vestir e até na maquilagem.¹²⁸

Esta nota indica que a feminilidade produzida pela revista é um modo de controle que também se estende às maneiras de falar e sorrir. Exercícios de dicção e um domínio sobre as expressões faciais são requeridas para que as mulheres não sejam “estátuas antipáticas”. Este modo de regulação do sujeito é parte de um conjunto de disciplinas que a revista demanda, ensinando que a “verdadeira mulher” é alguém que deve controlar em uma disciplina diária – na frente do espelho – seus gestos e expressões.

Performando discursivamente esta feminilidade, que se mostra política, a revista institui uma pedagogia dos corpos. Ao prescrever modos específicos de falar ou sorrir, ao produzir modelos de sexo/gênero a serem seguidos e copiados, engendra saberes e significados relativos à este “ser mulher”. Repetindo e reiterando padrões-norma de feminilidade, constrói modos de ser e estar no mundo. Desta maneira, o *Jornal das Moças* agencia normas e valores de uma feminilidade específica, que se pretende universal – uma tecnologia do gênero, um dispositivo de saber e poder.

Para pensarmos nestes agenciamentos trazidos pela revista, penso ser interessante retomar a discussão proposta por Judith Butler. A autora afirma que é a partir das práticas reguladoras de gênero que emerge a pessoa, que ela não poderia ser pensada fora dessas

¹²⁸ *Jornal das Moças*, 04/08/1960, p.22.

práticas que a materializam reiteradamente¹²⁹. Não existiria, então, um sujeito apriorístico antes das marcas de gênero, pois as pessoas só se tornariam inteligíveis ao adquirir seu gênero. O que não significa que o sujeito é determinado pelas regras que o constroem, excluindo qualquer possibilidade de agência – mas sim que constitui efeito de práticas discursivas e não-discursivas.

A suposta coerência e continuidade que acreditamos ver nas pessoas nada mais são do que normas de inteligibilidade socialmente inventadas e mantidas, e não características lógicas de uma “condição natural”. A noção de performatividade de Butler nos ajuda a pensar em como corpos e identidades são materializadas por meio dessas normas regulatórias. O *Jornal das Moças*, nesse sentido, atua produzindo e atualizando marcas de gênero, instaurando repetidamente significados de feminilidade.

Para Butler, o gênero constitui uma identidade construída pela repetição estilizada de atos ao longo do tempo,

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero.¹³⁰

Estes atos, gestos e imitações se mostram performativos, na medida em que produzem o efeito de uma substância interna, de uma essência ou identidade, que por sua vez não passam de uma ficção construída e sustentada por signos corpóreos e outras práticas discursivas e não-discursivas. O gênero não é substantivo – ele produz um efeito de substância sendo performativamente produzido pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Ou seja, não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é

¹²⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.38.

¹³⁰ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.200.

performativamente construída pelas próprias marcas e características tidas como seus resultados¹³¹.

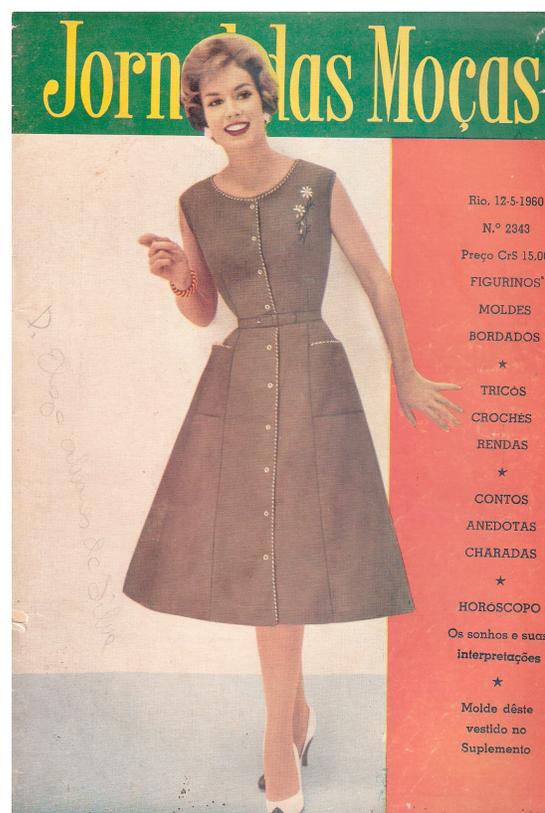
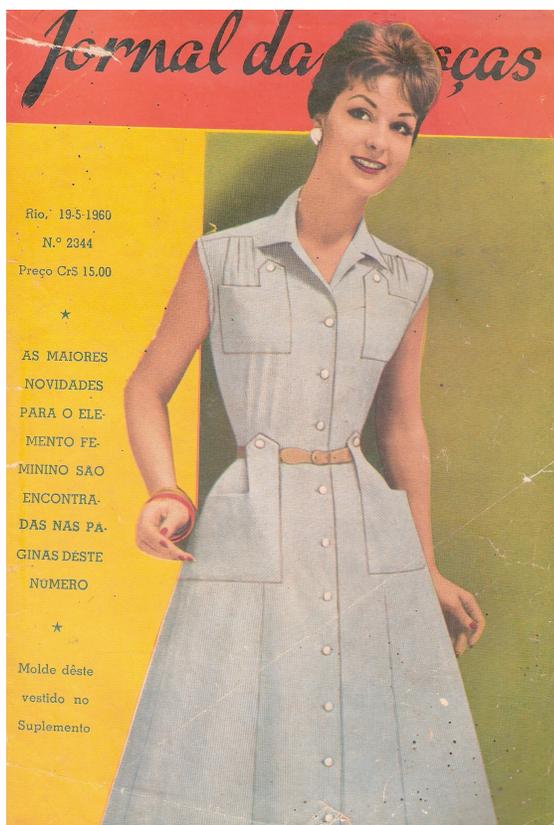
O Jornal das Moças constitui um espaço onde explicitamente observamos a produção de uma feminilidade normativa e homogênea. Reiterando um mesmo estilo corporal, a revista estabiliza e homogeneiza a imagem de feminilidade performada. Essa feminilidade é uma ficção; são atos corporais estilizados, que constroem e significam mulheres. A publicação se mostra um espaço onde características “femininas”, além de estarem vinculadas aos atributos de esposa, mãe e “dona de casa”, são diretamente relacionadas a características como “elegância”, “discrição”, ou seja, a gestos e modos específicos de ser e agir, que são reiterados repetidamente ao longo dos exemplares analisados.

Atuando como tecnologia do gênero, a revista engendra normas e saberes; materializa corpos que constituem efeito produtivo do poder regulatório. O que não significa que os sujeitos sociais são meros receptores de pedagogias exteriores a eles, mas sim que participam, ativamente, deste processo. Os discursos institucionais e midiáticos exercem efeitos sobre corpos e sensibilidades, e estes efeitos não são implacáveis – os corpos não apenas respondem, mas também escapam¹³². De todo modo, falamos de um poder que é produtivo, no sentido em que institui desejos e práticas, que organiza e direciona energias.

O desfile visual proporcionado pelas fotos das manequins, nas capas e no interior do suplemento Jornal das Mulheres, promove e reitera esta feminilidade. Atua pedagogicamente mostrando como as mulheres devem ser – e se parecer –, definindo a cor da pele, peso, estaturas, medidas, poses, gestos e sorrisos. “As maiores novidades para o elemento feminino são encontradas nas páginas deste número”, observamos em uma das capas, mostrada a seguir. O apelo ao corpo, condição para mobilizar a atenção, aparece atualizando os modelos de feminilidade veiculados. Pedagogias que educam o olhar da/o receptora/r, normas regulatórias que constroem específicos modos de “ser mulher”.

¹³¹ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.48.

¹³² LOURO, Guacira Lopes. *Corpos que escapam*. In: Labrys: Estudos feministas. Brasília, n.4, ago/dez de 2003.



Pensando nesta direção, podemos perceber o corpo humano como um lugar prático de controle social. Através de práticas e normas aparentemente banais, das maneiras à mesa e hábitos de higiene, atividades rotineiras e automáticas, os corpos se colocam à serviço das normas sociais e são habituados às mesmas. Nossos corpos são moldados, treinados e marcados pelos modelos históricos predominantes de feminilidade, masculinidade, desejo.

Estas práticas denunciam normatividades hierarquicamente fundadas; no *Jornal das Moças*, os corpos das mulheres aparecem como dóceis¹³³ e regulados, reiteradamente, por meio de roupas, hábitos, posturas. São corpos cujas forças e energias se tornam habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação, ao “aperfeiçoamento” – através da busca incessante por uma feminilidade “ideal”, homogeneizante, sempre em mutação, “que exige das mulheres que sigam constantemente mudanças insignificantes e muitas vezes extravagantes da moda”¹³⁴. Segundo Bordo,

¹³³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir – História da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p.118.

Por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem, e o vestuário – princípios organizadores centrais do tempo e do espaço nos dias de muitas mulheres – somos convertidas em pessoas menos orientadas para o social e mais centradas na auto-modificação. Induzidas por essas disciplinas, continuamos a memorizar em nossos corpos o sentimento e a convicção de carência e insuficiência, a achar que nunca somos suficientemente boas. (...) ¹³⁵

O disciplinamento e a normatização de corpos como os presentes na publicação, se pensados historicamente, aparecem como uma estratégia eficazmente durável e flexível de controle social. Nesse sentido, é interessante pensar este corpo como efeito do poder produtivo foucaultiano, onde percebemos os mecanismos que moldam e multiplicam os desejos (ao invés de apenas reprimi-los), que constroem significações de normalidade e desvio, que produzem e direcionam nossas energias.

Como assinalado anteriormente, para Foucault o poder não é algo que alguém possa possuir ou que se possa perder; ele funciona como uma rede de práticas, instituições e tecnologias, atuando por todos os lugares e direções ¹³⁶. Seus mecanismos centrais não são repressivos, mas constitutivos: um poder que produz, alimenta e organiza forças, ao invés de simplesmente impedi-las, negá-las ou destruí-las. No caso em questão, o da feminilidade na revista, onde aparentemente muito depende de uma aceitação voluntária de normas e práticas, é preciso uma análise do poder considerando seus efeitos produtivos.

Nas notas do *Jornal das Moças*, observamos discursos que instituem desejos e práticas, e, de maneira imperativa, ditam normas e obrigações:

Toda mulher deseja seguir rigorosamente a moda em todas as suas modalidades. Daí, muitas apegarem-se a qualquer anúncio ou a qualquer charlatão para conseguir algo que as tornem sempre jovens e em forma. Entretanto, possuir um corpo elegante, gozar boa saúde e acompanhar a moda não é tarefa tão difícil. Antes de mais nada, é necessário uma grande dose de boa vontade, sem o que nem se deve pensar em iniciar qualquer regime. A higiene de habitação, a alimentação bem orientada e bem controlada, os passeios a pé ao ar livre, os

¹³⁴ BORDO, Susan R. *O Corpo e a Reprodução da Feminilidade: Uma apropriação feminista de Foucault*. In: BORDO, Susan R. e JAGGAR, Alison M. *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p.20.

¹³⁵ BORDO, Susan R. *O Corpo e a Reprodução da Feminilidade: Uma apropriação feminista de Foucault*. In: BORDO, Susan R. e JAGGAR, Alison M. *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p.20.

¹³⁶ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. 15ª Edição. São Paulo: Ed. Graal, 2003b, p.90.

banhos periódicos de sol, o sono tranquilo e reparador, a ginástica metódica e adaptada a cada idade, o trabalho organizado, a vestimenta moderada, são, em princípio, os elementos indispensáveis para que se possa conseguir o desejo.

A ginástica não deve faltar nunca. Adaptada a cada idade é indispensável, pelo menos, durante uns dez minutos por dia. Os jogos de vôlei, e o tênis são muito recomendados para a conservação física da mulher. Em tudo isso, porém, é sempre indispensável a presença do médico especialista, a fim de controlar todos os exercícios e dosar convenientemente a alimentação.

Mas, ao lado de tudo isso, a mulher precisa saber que os banhos de sol, moderados, são indispensáveis. As vitaminas devem fazer parte integrante de sua alimentação diária. Os exercícios físicos, adaptáveis a cada caso e fazem parte da conservação de sua saúde e lhe mantém um físico perfeito. Os vestidos devem estar sempre de acordo com as estações do ano, acompanhando, naturalmente, a última moda.¹³⁷

A revista apresenta aqui, mais uma vez, um explícito modo de controle dos corpos das mulheres. Institui práticas e normas, modelos de vida e de “saúde” para que as mulheres obtenham um “corpo elegante” – além de ressaltar a necessidade de se manterem sempre, “naturalmente”, na “última moda”. Percebemos os “elementos indispensáveis” para que as mulheres possam alcançar o *desejo* (instituído pela revista): regras de higiene, de alimentação, banhos de sol, sono adequado, além dos exercícios de ginástica “que não devem faltar nunca”. O *Jornal das Moças*, desta maneira, apresenta uma programação da feminilidade onde o controle corporal é evidente. Um discurso que se ancora, repetidamente ao longo dos exemplares analisados, em ditas autoridades científicas (o “médico especialista”, que autoriza a fala), e que produz uma feminilidade-norma docilizada, centrada na auto-modificação e sempre “aperfeiçoada”.

Por meio destes textos, pedagogizantes, instituídos pela revista, mulheres são interpeladas e incorporam em suas rotinas normas que regulam seu cotidiano. A moda, os exercícios físicos, a alimentação “correta” aparecem aqui como atributos indispensáveis para que uma feminilidade que se pretende universal (observamos nos textos, mais de uma vez, a expressão “toda mulher”) seja performada adequadamente. As práticas disciplinares que percebemos nestes discursos, em alguns momentos, se estendem – encontramos na revista “conselhos” relativos também às crianças (às meninas especificamente), que as mães devem controlar e disciplinar:

¹³⁷ *Jornal das Moças*, 02/06/1960, p.24-25.

Não devem as mães cuidar do embelezamento de seus filhos? Pensamos que devem. (...) A silhueta da criança é um detalhe de estética e de beleza que a menina deve ignorar, mas que a mãe deve executar. Muitas crianças gordas que como tais, têm tendência para ser uma mulher de peso excessivo, podem ser reduzidas a proporções naturais. Certamente a medida a ser praticada deve ser pedida ao médico, pois não é o caso, no momento em que mais necessita sua natureza de uma boa alimentação, de suprimir elementos vitais. Mas o excesso de doces, massas, frutas em calda, o prato duplo de sôpa, podem ser substituídos por verduras e frutas frescas, carne assada, verduras cozidas, fiambre, leite descremado; queijo não amanteigado, ovos e outros alimentos mais, porém tudo de acordo com a prescrição do médico.¹³⁸

Aqui, aprendemos que as mães devem cuidar do embelezamento de seus filhos: “crianças gordas que como tais, têm tendência para ser uma mulher de peso excessivo, podem ser reduzidas a *proporções naturais*”. O ideal de beleza promovido pela revista aparece relacionado diretamente à magreza. Nas capas da publicação e nas imagens de moda, também só encontramos corpos nitidamente magros. Normatizando e docilizando mulheres e meninas, os textos da publicação atuam instituindo regras e atualizando hierarquias de poder: novamente o “médico especialista”, autoridade (masculina) responsável pelos saberes que constituirão e definirão condutas corporais, tem a palavra final, detém o conhecimento formal. Os corpos femininos poderão ser reduzidos a “proporções naturais”, ou seja, à norma naturalizada. Enunciados que sustentam modos de vida pautados por relações históricas e hierárquicas de poder.

O conceito de corpos dóceis, aqui, me parece apropriado para pensar a feminilidade performada no *Jornal das Moças*. Foucault entendia os corpos dóceis como corpos que podem ser submetidos, utilizados, transformados e aperfeiçoados¹³⁹. Como objeto de investimentos contínuos, por meio de práticas e disciplinas, o corpo se mostra “útil” e socialmente adaptado. Nesse sentido, percebo os textos e as fotos do *Jornal das Moças* como um conjunto de regras e regulamentos práticos, através dos quais corpos podem ser treinados e moldados. Através desses processos disciplinares, corpos submissos, docilizados, podem ser produzidos. A disciplina

¹³⁸ *Jornal das Moças*, 01/09/1960, p.22-23.

¹³⁹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir – História da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p.118.

aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.¹⁴⁰

Estas práticas disciplinares cotidianas, prescritas pela revista e adotadas por muitas mulheres mobilizadas pelo desejo e pela promessa de que por meio delas atingiriam a sua feminilidade “plena”, denunciam hierarquias de poder. O investimento realizado para que este “ideal” normativo de feminilidade seja concretizado ocupa muitas vezes um espaço de especial importância na vida de muitas mulheres, direcionando seu tempo e canalizando suas energias. A opressão das mulheres é mantida através de uma constituição produtiva de seus corpos e sensibilidades.

Pedagogicamente, os discursos da revista instituem essa docilidade de maneira constante, repetindo significados sobre como as mulheres *devem ser e se parecer*. A magreza aparece diretamente relacionada à esta feminilidade “ideal”, como atributo indispensável para este “corpo desejado”. Práticas que materializam e normatizam, regras de conduta:

A linha esbelta obriga muitas mulheres a renunciar a diversos alimentos que, como se sabe, provocam o acúmulo de gorduras no organismo, como a sopa, por exemplo. Todavia, não se deve esquecer que o nosso corpo precisa de líquidos e que as sopas sem gordura, engrossadas com massa, podem ser consumidas à vontade, sem receio de engordar.¹⁴¹

Observamos que, de acordo com a publicação, “a linha esbelta *obriga* muitas mulheres a renunciar a diversos alimentos”. Um enunciado que afirma práticas de feminilidade onde a subalternidade ao modelo proposto/imposto é explícita. Interpeladas pela publicação, incorporando práticas reguladoras cotidianas em suas rotinas, mulheres materializam/atualizam em seus corpos significações históricas e políticas. A feminilidade, percebemos, é uma política dos corpos.

¹⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir – História da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p.119.

¹⁴¹ *Jornal das Moças*, 14/04/1960, p.53.

No Jornal das Moças, onde encontramos repetidamente em fotografias e textos modelos de uma feminilidade específica (dócil) a serem seguidos/copiados, percebemos pedagogias dessa estilização corporal de maneira bastante evidente. Corpos docilizados que denunciam o caráter hierárquico embutido nas relações de gênero, que nos mostram a manutenção de um sistema de dominação onde às mulheres é reservado o lugar da subalternidade e do constante “aperfeiçoamento” normativo. A feminilidade, na revista, aparece assujeitada ao produzir/reproduzir modos de vida pautados por este constante “aperfeiçoamento”, por esta norma que dociliza e subalterniza reiteradamente.

3.2 – Modas que moldam

Beleza grega? Uma boneca?

Sim. Uma linda boneca para ornamentar qualquer ambiente, não só pelo seu porte como pelo encanto de seu vestido cortado sobre um tecido estampado de listras azuis e vistosos florões. O chapéu de palha amarelo claro e a fita azul, mais escuro que o do tecido aumentam o encanto.¹⁴²

A moda aparece em destaque nas seções do *Jornal das Moças* analisadas, e percebo-a como importante espaço de construção de significados relativos a estes modos de *ser mulher*, juntamente com outras práticas propagadas pela revista. Trata-se de eficaz artifício para a constituição de corpos docilizados, para a produção de uma feminilidade homogênea e normativa. Na nota acima, percebemos, juntamente com as imagens (mostradas a seguir), a



¹⁴² *Jornal das Moças*, 17/03/1960, p.57.

atualização desses significados: o “encanto” consiste em “estar na moda” e se colocar como uma “linda boneca”. Mulheres objetificadas, significadas a partir do olhar do outro? É o que percebemos ao ler o texto: as mulheres são significadas como “uma linda boneca para ornamentar qualquer ambiente”. A produção de uma feminilidade objetificada, marcada pelo corpo (pelo “porte”) e pela moda, é assim apresentada pela revista.

Em todas as capas, podemos observar a chamada: “Moldes no suplemento”. Os moldes das roupas exibidas nas fotografias, tanto nas capas quanto no suplemento “Jornal da Mulher”, estão anexados no interior da publicação, para que possam ser utilizados e reproduzidos por suas consumidoras. Observamos ainda nas capas enunciados como “Lindos e modernos vestidos para o inverno”, “Neste número, figurinos elegantíssimos”, “Os modelos de fim de estação também são elegantes”, “A arte italiana dá elegância às modas de hoje” e “Desfile de modelos para o verão”.

A elegância aparece diretamente relacionada à moda. Aprendemos observando as imagens, bem como lendo as notas da publicação, os atributos desta elegância. O corpo deve ser magro e branco; os gestos, as poses e os sorrisos, definidos; e a vestimenta, de acordo com as “últimas tendências da estação”. A feminilidade vai então sendo performada, ganhando forma e contornos definidos, graças à este contínuo “aperfeiçoamento” corporal. Dessa maneira, corpos são vestidos com “a última moda”, com modelos que expressem e reiterem o modelo normativo veiculado.

Góes e Villaça chamam atenção para que não pensemos as roupas como elementos simplesmente funcionais¹⁴³. Segundo os autores, elas constroem *habitus* que articulam relações entre o corpo

e seu meio, o espaço que o corpo ocupa, formas de negociação que dependem de técnicas corporais e modos de auto-apresentação. O sistema do vestuário faz parte da formação desse *habitus*, pois participa, ao lado dos treinamentos propriamente corporais, da organização de um espaço social regido por proibições e transgressões mais ou menos definidas. Os corpos são modelados por meio de tecnologias de movimento ou constrangimento (...).¹⁴⁴

¹⁴³ GÓES, Fred, e VILLAÇA, Nízia. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.109.

¹⁴⁴ GÓES, Fred, e VILLAÇA, Nízia. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.108-109.

As técnicas de *fashioning*, como colocam os autores, expõem códigos de conduta e constroem corpos e identidades; e a moda, pensada nesse sentido, seria um dos instrumentos graças aos quais uma lei social se asseguraria desses corpos e identidades¹⁴⁵.



Roland Barthes, em *Sistema da Moda*, nos mostra que a moda seleciona os corpos aos quais se aplica, acomodando

o vestuário de tal modo que transforme o corpo real e consiga que ele signifique o corpo ideal da Moda: alongar, tufar, adelgaçar, avultar, diminuir, afunilar – por meio destes artificios, a Moda afirma poder submeter não importa que acontecimento (não importa que corpo real) à estrutura que postulou (a Moda do ano) (...).¹⁴⁶

Observamos, a partir dos modelos de roupas que nos são mostrados na revista, cinturas exageradamente demarcadas (reforçando o ideal de feminilidade/esbelteza) e corpos alongados; “a tirania da moda não é uma palavra vã: os corpos se espremem e se contorcem

¹⁴⁵ GÓES, Fred, e VILLAÇA, Nízia. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.109.

¹⁴⁶ BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. Coleção Signos. Lisboa: Edições 70, 1999, p.287.

para se ajustar aos contornos da moda”, afirma Tania Navarro Swain¹⁴⁷. A moda exclui e cria corpos de acordo com seu modelo ideal – alonga, reduz, afina, e através destes artifícios se afirma enquanto “moda”, independente do corpo real em questão.

Barthes comenta que este “poder” da moda é tão significativo que lhe dá o direito de falar de corpos “mal feitos”, pois teria a onipotência para os retificar: “*Eu não tenho uma cintura de manequim. Eu não tenho a cintura fina. Eu sou um pouco forte de ancas. Eu tenho um busto demasiado opulento*, etc. diz à revista uma longa procissão de queixosas, que se dirigem à Moda como a uma deusa curativa”¹⁴⁸.

No *Jornal das Moças*, percebemos nos textos veiculados enunciados imperativos a respeito do uso das modas, normas que ditam o que pode ou não ser usado pelas mulheres, para que se enquadrem em seus padrões:

Há um detalhe sobre a elegância feminina que nós temos tido sempre o cuidado de abordarmos para que aquelas que nos acompanham estejam sempre inteiradas sobre o motivo a fim de que não incidam nos erros de outras moças. Elegância não quer dizer somente moda. Estar na moda. Elegância é a maneira pela qual a mulher escolhe os tecidos, as côres, os feitios e, principalmente, os complementos.

Os feitios são importantíssimos, como já temos falado, porque depende muito do físico de cada uma. Uma mulher alta e magra não pode, absolutamente usar decotes em V, vestidos com listras verticais, porque lhes aumenta a silhueta. Uma jovem gorda e alta deve preferir côres escuras para emagrecê-la. Tonalidades vermelhas, brique ou branco aumentam por demais o volume da silhueta. As moças gordas e baixas não devem usar decotes quadrados, nem costumes, nem sáia e blusa. Deverão abster-se do uso de cinturas franzidas, etc.

Quanto aos complementos isso é coisa ainda mais importante, porque não se pode admitir um vestido simples matinal com a jovem carregando bolsas que são de modelos mais habillers, jóias, etc. (...)¹⁴⁹

Nesta nota, percebemos que os corpos que não se enquadram no “corpo” da moda são restringidos e precisam se limitar aos modelos adequados para o seu “físico”; normas que regulam modos de existência ditam o que é permitido e o que não é. “Uma mulher alta e magra não pode, absolutamente, usar decotes em V”; “moças gordas e baixas deverão abster-se do uso de cinturas franzidas”. A revista endereça explicitamente um conjunto de ordens às

¹⁴⁷ SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas “Femininas”*. In: História: Questões & Debates, n. 34. Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p.43.

¹⁴⁸ BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. Coleção Signos. Lisboa: Edições 70, 1999, p.287.

¹⁴⁹ *Jornal das Moças*, 17/03/1960, p.19.

suas leitoras, por meio de pedagogias da moda, reiterando padrões que expressam uma feminilidade docilizada.

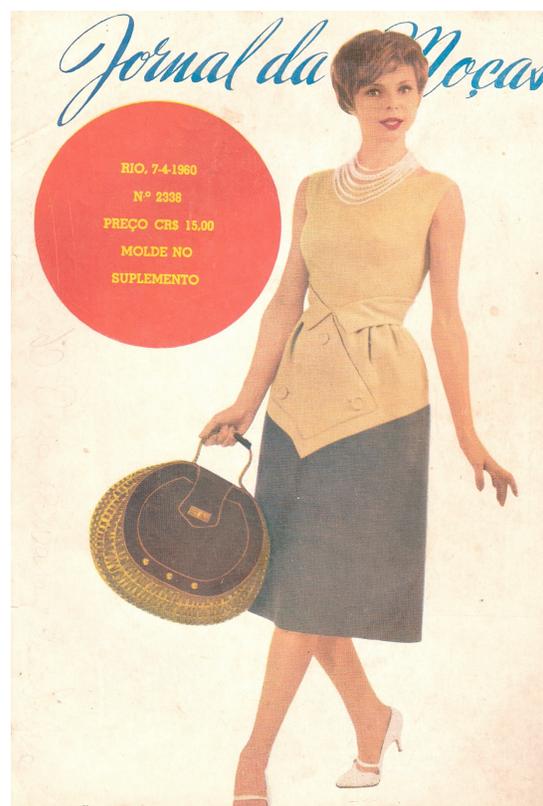
Numa outra nota da publicação, vemos a opinião de uma atriz francesa a respeito do que significa ser elegante – “A elegância”, critério de feminilidade, “consiste em saber usar um vestido”, diz ela:

Na opinião de Edwige Feuillère, atriz do cinema e do teatro francês, a elegância exige mais tempo que dinheiro. “Uma mulher deve aprender detidamente ‘o que usa’, o que mais a favorece, para adotar um estilo” – diz ela, frisando que a elegância consiste, também, em “saber como usar um vestido”. É uma questão de esqueleto e de conformação física, porém as que não têm êsse privilégio, podem adquirir um ar, um porte conveniente.

A simplicidade e a comodidade são o símbolo da elegância, pois a mulher tem que viver à vontade dentro dos vestidos, sem deixar entrever um esforço tributado à coqueteria – afirma a artista. E aconselhou: “Quando uma mulher encontrou seu estilo, basta que o aplique com simplicidade. Quanto aos acessórios (luvas, sapato, bolsa), selecionando-os pela sua qualidade, sua côr ou sua forma, a mulher poderá dar realce a seu atavio mais simples, dando-lhe uma nota pessoal”.¹⁵⁰

A elegância, percebemos, exige tempo (e dinheiro); o segredo está em aprender a “viver à vontade dentro dos vestidos”, sem mostrar o esforço dedicado à tal empreendimento. Esta nota apresenta nitidamente o corpo como um projeto (“é uma questão de esqueleto e de conformação física, porém as que não têm êsse privilégio, podem adquirir um ar, um porte conveniente”) – como efeito de práticas cotidianas, de hábitos e rotinas, que regulam e normatizam, educam e “aperfeiçoam”. A moda se mostra um artifício extremamente eficaz na construção da feminilidade na revista, instituindo desejos e disciplinas, para que esta feminilidade seja “corretamente” performada.

¹⁵⁰ *Jornal das Moças*, 27/10/1960, p.19.



As fotografias presentes nas capas da publicação (como as mostradas acima) ensinam e reiteram esta “elegância”. Percebemos nas imagens a feminilidade performada através das poses das manequins (com gestos específicos), das roupas com a cintura demarcada, do uso de sapatos com salto alto, luvas etc. As fotografias de moda no suplemento “Jornal da Mulher” (mostradas a seguir) nos mostram corpos “modelados” como os que ilustram suas capas: imagens de uma feminilidade marcada, produzida e reiterada repetidamente pela revista.

Percebemos que as maneiras de postar o corpo, de olhar de frente ou inclinar a cabeça, de sorrir etc. estão carregadas de política. Os territórios deixados aos movimentos e deslocamentos ou constrangimentos dos corpos das mulheres têm sido historicamente confinados¹⁵¹, restringidos, enquanto que os homens tomam maior espaço com seu corpo,

¹⁵¹ Me refiro aqui às mulheres dentro da tradição humanista ocidental, onde as dicotomias relacionais feminino/masculino, dentro/fora, privado/público, corpo/mente, natureza/cultura, primitivo/civilizado etc. constituem oposições e pautam relações binárias e hierárquicas de poder.



sobretudo em lugares públicos¹⁵². Nesse sentido, as roupas têm por efeito chamar os corpos das mulheres continuamente à ordem: atuam como “algo que limita de certo modo os movimentos, como os saltos altos ou a bolsa que ocupa permanentemente as mãos, e sobretudo a saia que impede ou desencoraja alguns tipos de atividades (a corrida, algumas formas de sentar etc.)”¹⁵³.

O *Jornal das Moças* materializa em suas fotografias de moda estes confinamentos. Percebemos os gestos marcados e calculados, as pernas sempre cruzadas a frente, o espaço delimitado dos corpos (em ambientes interiores) bem como o das roupas ajustadas no corpo ou

¹⁵² BOURDIEAU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p.39.

¹⁵³ Idem, *ibidem*.

com cintos que demarcam e apertam cinturas. Os sapatos de salto alto, que as impedem de correr ou movimentar-se com maior liberdade, aparecem repetidamente. A restrição é reiterada e materializada – e, assim, uma feminilidade controlada é produzida e veiculada.

Significando e moldando corpos, a moda tem importante parte na construção da feminilidade nesta revista. Ela restringe, marca, modela e educa, e desta maneira atua instituindo modos de existência, jeitos de ser e estar no mundo. As poses e os gestos que encontramos nas fotografias integram as significações trazidas pelo vestuário. A elegância tão proclamada pela revista se mostra artifício deste assujeitamento, deste processo de construção de corpos regulados e normatizados.

Através de um desfile de imagens visuais padronizadas, “ficamos sabendo das regras diretamente através do discurso do corpo: por meio de imagens que nos dizem que roupas, configuração do corpo, expressão facial, movimento e comportamentos são exigidos”, comenta Bordo¹⁵⁴. Atuando como tecnologia do gênero, o *Jornal das Moças* institui uma feminilidade normativa e homogeneizante. Ao construir corpos e sensibilidades docilizadas, a revista agencia relações hierárquicas de saberes e poderes, onde às mulheres é reservado o lugar da subalternidade e do assujeitamento.

¹⁵⁴ BORDO, Susan R. *O Corpo e a Reprodução da Feminilidade: Uma apropriação feminista de Foucault*. In: BORDO, Susan R. e JAGGAR, Alison M. *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p.24.

3.3- Práticas de embelezamento, práticas de rejuvenescimento?

A mulher, gorda ou magra, é eterna escrava da beleza. Sacrifica tudo para manter-se elegante e não perder nunca a aparência (dizemos a aparência) de seus saudosos vinte anos... Acompanha tudo o que se diz ou se escreve sobre a moda ou a conservação da mocidade, contanto que sobre alguma coisinha pra fazer... Não se descuida de nada, não perde o mínimo detalhe. Os cabelos, os olhos, as pestanas, as sobrancelhas, o rosto, o busto, a côr das unhas, são cuidadosamente observadas todos os dias. Por isso mesmo, sabe muito bem o creme que deve usar em cada hora, a côr dos cabelos para cada ocasião e o batom que mais lhe realça a beleza dos lábios. Tudo isso é minuciosamente estudado para cada ocasião, para cada espécie de pele.¹⁵⁵

As práticas de embelezamento aparecem nas seções analisadas como eficaz artifício de docilização dos corpos na revista. Na nota acima, observamos que “a mulher é eterna escrava da beleza; sacrifica-se pela moda e para manter a aparência dos vinte anos... tudo é minuciosamente estudado para cada ocasião”. A disciplina é explícita e exige boa parte do tempo das mulheres. O cuidado com a aparência é marcado e dado como parte incontornável de suas vidas. Afirmando que “a mulher é eterna escrava da beleza”, a revista apresenta explicitamente uma feminilidade subalterna, um modo de existência pautado pela submissão e, mais do que isso, uma feminilidade escravizada. “A mulher gorda ou magra” – também nos é dito – mas a magreza aparece como única opção nas imagens de moda e em outros textos veiculados pela revista. O investimento é constante, e pressupõe estudos, sacrifícios, tempo e energia. A sujeição é pedagogicamente produzida e um “ideal” de feminilidade, performado.

A juventude, como percebemos no “sacrifício” indicado pela publicação para que as mulheres mantenham “a aparência dos vinte anos”, aparece diretamente atrelada às práticas de embelezamento. Os textos do “Jornal da Mulher” indicam que “estar bela” significa a manutenção da aparência de juventude. Nesse sentido, podemos pensar a juventude e a velhice também como categorias sociais, inscritas na lógica binária hierárquica que define e significa corpos, como propõe Tania Navarro Swain¹⁵⁶. Pensá-las como categorias normativas que constroem estes corpos, instituindo práticas e delimitando modos de existência.

¹⁵⁵ *Jornal das Moças*, 02/06/1960, p.24-25.

¹⁵⁶ SWAIN, Tania Navarro. *Velha, eu? Auto-retrato de uma feminista*. 2006. Disponível em <http://www.tanianavarrowswain.com.br/chapitres/bresil/velha.htm>, em outubro de 2012.

A ‘juventude’ significa comportamentos especiais, preferências particulares, tendências específicas? O que constitui este grupo de eleit@s, cujo reino é tão rapidamente corroído pelo tempo-que-passa? E a ‘velhice’, o que significa? Em que momento passamos de um lado para outro? Seria a idade ou a aparência? ‘Velhice’, ‘juventude’, mais uma vez a linguagem nos molda em palavras generalizantes, que fingem ter um sentido único, lá onde há apenas dispersão. Mais uma identidade ilusória que define o humano para melhor hierarquizá-lo, cindi-lo, criando separações e exclusões. É assim tão difícil perceber as linhas de poder que sustentam as oposições binárias? Na formação de grupos, cujos limites criam as margens e os marginais?¹⁵⁷

A oposição entre “jovens” e “velhas” retoma o biológico como vetor valorativo de cisão, naturalizando os corpos e escondendo os valores que a sustentam. Estilos de carne (Butler), marcados pelo gênero e articulados pelo eixo idade¹⁵⁸. Categorias políticas que criam “separações e exclusões” ao normatizar e hierarquizar corpos. Linhas de poder que sustentam oposições binárias, criando sentidos que dividem e enfraquecem ações no mundo, que docilizam mulheres a partir de valores estabelecidos pelo olhar masculino.

No *Jornal das Moças*, a construção/manutenção da juventude é discurso corrente, entre os textos que instituem práticas de embelezamento. Como observamos também abaixo, na nota intitulada “A epiderme do rosto pode ser renovada”:

(...) O tratamento dura de acôrdo com a natureza do paciente e o estado da pele e, ao terminar, o rosto se apresenta, realmente, como uma “pele de pêssego” e torna a encontrar sua juventude. Apagam-se as marcas de muitos anos e renasce o otimismo. (...) Êste processo foi lançado em Paris por Myriam Carange, que viveu muito tempo no Oriente, e, foram numerosos os resultados obtidos: a epiderme renovada, mais leve e mais fina, desaparecimento das pequenas rugas, dos “pés-de-galinha”, eliminação das espinhas e cravos, valorização da tez, acréscimo de pigmentação, estímulo da circulação sanguínea, tonificação das células, enrijescimento dos músculos, brilho dos olhos, afinamento das linhas faciais, etc.¹⁵⁹

Nesta revista, percebemos como rígidos padrões de beleza, magreza e juventude constituem atributos valorizados e esperados da “verdadeira mulher”. A juventude se define para muitas mulheres, de fato, em relação à capacidade de manter os corpos como desejáveis.

¹⁵⁷ SWAIN, Tania Navarro. *Velha, eu? Auto-retrato de uma feminista*. 2006. Disponível em <http://www.tanianavroswain.com.br/chapitres/bresil/velha.htm>, em outubro de 2012.

¹⁵⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁵⁹ *Jornal das Moças*, 12/05/1960, p.21.

“E o medo de envelhecer se engendra pelo medo de não mais agradar, de não mais ser desejada, olhada”¹⁶⁰.

O assujeitamento às imagens do corpo, assim, não é unicamente uma força externa que se exerce sobre os sujeitos, dando-lhes sentido e existência, mas uma *autorepresentação* constitutiva do corpo-em-mulher, idealizado. Como não criticar, nos feminismos, a divisão entre jovens e velhas, cisão que responde, afinal, às injunções androcêntricas de um sistema binário de compreensão do mundo? De valores que definem, antes de tudo, as mulheres na medida de seus corpos?¹⁶¹

Desta maneira, pensando corpos e sensibilidades dentro desta concepção binária de construção de sentidos, o envelhecimento aparece diretamente relacionado à diminuição da autoestima, uma vez que a juventude é discursivamente dada como sinônimo de felicidade, inclusão, sucesso, prazer. A menopausa emerge então como uma “desfuncionalização” dos corpos femininos. Uma vez perdida a fecundidade, eles se tornariam “inúteis”, pois perderiam a base de sua feminilidade, sua capacidade reprodutora.

Assim se mostram os sentidos da “verdadeira mulher”: além de jovens, belos e atraentes, os corpos precisam ser férteis. “Com efeito, é sobre estes corpos, construídos segundo certos modelos, que se instituem as normas, as partilhas, a grande ameaça do envelhecimento excludente, de um corpo que aos poucos vê o seu valor social decrescer”¹⁶², atenta Tania Swain. O envelhecimento, nesse sentido, apaga/elimina/abstrai esta feminilidade – apenas encontramos na revista *corpos* que expressam a “juventude”. Com efeito, percebemos no *Jornal das Moças* a explicitação de disciplinas para a manutenção do corpo-jovem, o corpo-norma, por meio de discursos que instituem este “aperfeiçoamento” corporal, através das práticas de embelezamento.

Estas práticas de embelezamento (e de rejuvenescimento) se mostram práticas historicamente construídas, engendradas nos discursos da revista e que atuam construindo e atualizando sentidos relativos à este “ser mulher”. As tecnologias da feminilidade atuam

¹⁶⁰ SWAIN, Tania Navarro. *Velha, eu? Auto-retrato de uma feminista*. 2006. Disponível em <http://www.tanianavarrowswain.com.br/chapitres/bresil/velha.htm>, em outubro de 2012.

¹⁶¹ Idem, *ibidem*.

¹⁶² Idem, *ibidem*.

“aperfeiçoando” um corpo que se presume incorreto. Pautadas por estes discursos, aprendemos que o envelhecimento pode ser freado através da apropriação de determinadas práticas, bem como nos desdobramentos da indústria da beleza e da juventude. Como observamos no *Jornal das Moças*:

Há na mulher qualquer coisa de muito sério em sua vida! É a conservação permanente de sua beleza, de seus encantos e, conseqüentemente, a sua aparência de mais jovem e mais sedutora. Troca tôdas as suas riquezas por alguma coisa que a torne mais moça e mais atraente. E não são poucos os produtos de beleza que anunciam verdadeiras maravilhas para o maior encanto da mulher. (...)¹⁶³

A “conservação permanente” da beleza é diretamente relacionada na nota acima como a conservação da “aparência de mais jovem e sedutora”. Percebemos na revista marcados os sentidos da “verdadeira mulher” descrita por Tania Swain, e a juventude discursivamente dada como sinônimo de inclusão e sucesso. A divisão binária juventude/velhice seleciona e exclui corpos, constituindo hierarquias que delimitam os espaços e possibilidades destes corpos. A juventude dada como sinônimo de beleza, de valor, expõe um modo de feminização que constrói reiteradamente este “ser mulher”, e que produz exclusões.

Denise Sant’Anna comenta que, no final da década de 50, a beleza parece ter se tornado um “direito” inalienável das mulheres no Brasil (ao menos nos discursos de revistas voltadas às elites e à classe média brasileira). Seria algo que depende unicamente delas: “‘hoje é feia somente quem quer’, por conseguinte, recusar o embelezamento denota uma negligência feminina que deve ser combatida”¹⁶⁴. O *Jornal das Moças*, nesse sentido, contribui atualizando estes hábitos de embelezamento/rejuvenescimento; pedagogicamente, institui rotinas, gostos e preferências, modelos de existência.

Segundo a autora, no Brasil, a partir da segunda metade do século XX principalmente, os cuidados destinados a tornar a imagem do corpo como algo sempre passível de sedução deixam de se restringir aos segredos de beleza transmitidos através das gerações, e começam a integrar uma indústria capaz de promover rapidamente o direito de se embelezar em qualquer

¹⁶³ *Jornal das Moças*, 02/06/1960, p.24.

¹⁶⁴ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p.129.

idade e em qualquer lugar¹⁶⁵. Indústria que se aliou à emergência da cosmetologia no começo da década de 1950, como domínio independente da química e da dermatologia¹⁶⁶.

Em um momento em que a industrialização no país era promovida e intensificada pelo plano desenvolvimentista instituído pelo governo Juscelino Kubitschek¹⁶⁷, a oferta e o incentivo ao consumo dos produtos de embelezamento foi modificando hábitos e rotinas no cotidiano de muitas mulheres. Os cosméticos, desde então, deixam de ser chamados “remédios para a beleza” e passam, de maneira mais ampla, a “ter por função não somente disfarçar os problemas da aparência física mas, principalmente, corrigi-los e previni-los”¹⁶⁸.

Conselhos de beleza assinados por Max Factor Júnior, e Elza Marzullo, entre outros, expressavam o “prazer” de se embelezar. O consumo dos produtos de beleza se mostra parte deste “aperfeiçoamento” normativo. No *Jornal das Moças* percebemos enunciados sugestivos ao uso destes produtos; sempre enunciados que dão ênfase à busca da juventude, e, por conseguinte, da capacidade de sedução:

Alcançar os encantos da beleza e conservar a mocidade a qualquer preço, eis o ideal de toda mulher. E não fôra isso, os fabricantes de produtos de beleza já teriam falido há muitos anos... Mas convenhamos que há razões de sobra para que a mulher queira conservar-se o máximo na casa dos vinte anos e nunca além dos trinta, aparentando sempre uma pele sadia e uma mocidade sempre em forma, embora, naturalmente, com os artifícios que só ela sabe muito bem empregar. Conservar a beleza e os encantos constitui, por si só, uma grande arte de que a mulher pode muito bem se orgulhar de ser uma grande mestra!¹⁶⁹

“Todas as suas riquezas por alguma coisa que a torne mais moça e atraente”. Práticas das quais as mulheres podem “se orgulhar” de serem mestras! A revista, por meio de seus discursos, institui desejos e condutas; essencializa “verdades” relacionadas à feminilidade,

¹⁶⁵ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *A insustentável visibilidade do corpo*. In: Labrys: Estudos feministas. Brasília, n.4, ago/dez de 2003.

¹⁶⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁶⁷ MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Os anos JK: industrialização e o modelo oligárquico de desenvolvimento rural*. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves, e FERREIRA, Jorge (org.). *O Brasil Republicano – O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.160.

¹⁶⁸ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *A insustentável visibilidade do corpo*. In: Labrys: Estudos feministas. Brasília, n.4, ago/dez de 2003.

¹⁶⁹ *Jornal das Moças*, 02/06/1960, p.25.

bem como enuncia “suas maiores aspirações”. Juventude, a qualquer preço (caso contrário, não se encaixará no ideal de “verdadeira mulher”, o qual supostamente todas aspiram). Jovens e “belas”, eis o corpo-norma que a publicação atua produzindo, reiteradamente.

Segundo Denise Sant’anna, ocorreu uma popularização da indústria da beleza a partir dos anos 50. De acordo com a historiadora,

Na verdade, os anos 50, e sobretudo a década seguinte, representam uma época de transformações aceleradas para a história do embelezamento no Brasil: modernização das técnicas de produção de perfumes e de cosméticos, ampliação do mercado de produtos industrializados ligados ao conforto e aos cuidados corporais. A batalha da beleza pretende ser, mais do que nunca, uma luta pessoal e cotidiana, que diz respeito não apenas às mulheres da elite mas também às funcionárias públicas, secretárias, professoras e donas de casa.¹⁷⁰

A beleza dependeria, cada vez mais, da habilidade de cada mulher – cada mulher se torna a única responsável por sua aparência. Para Denise, foi a partir do final dos anos 1950 que o “antigo dever de ser bela” começa a se aliar ao “direito e prazer de se embelezar”. Somadas aos produtos industrializados, encontramos nesta revista também “receitas caseiras” que prometem rejuvenescer e “aveludar” a pele do rosto:

Produto de beleza eficaz, a laranja?

Ninon de Lonclos chupava uma dúzia de laranjas por dia e atribuía a êsse regime sua inalterável juventude.

Por sua vez, Sarah Bernhardt atribuía sua extraordinária capacidade de trabalho e o aveludado de sua cútis, ao uso abundante que fazia do suco de laranja e de limão.¹⁷¹

Recomendações de mulheres “belas e bem-sucedidas”, sugestões e prescrições colocadas às leitoras para um embelezamento (e rejuvenescimento) apropriado. A necessidade de “ser bela” aparece repetidamente na seção “Jornal da Mulher”, junto às fotografias de moda que personificam o ideal propagado. A juventude é constantemente valorizada, marcada e considerada atributo indissociável da beleza das mulheres.

¹⁷⁰ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p.130.

¹⁷¹ *Jornal das Moças*, 31/03/1960, p.25.



Uma feminilidade “bela”, jovem, fértil, branca¹⁷², magra, “elegante”, discreta e educada é assim construída pela revista. Percebemos como os textos e as fotografias atuam pedagogicamente produzindo este corpo-norma – o corpo dócil, o corpo regulado e educado. As práticas de embelezamento atuam nesta constituição de corpos e sensibilidades, materializando e dando forma (e idade) a estes corpos. A manutenção da juventude e da beleza é reiteradamente discutida como uma das principais dessas práticas; a elegância, a moda e a magreza constituem outras, bem como a discrição e a sobriedade. Desta maneira, atuando como tecnologia do gênero, o *Jornal das Moças* constrói significações importantes relacionadas à este *ser mulher* – uma feminilidade performativamente produzida e identificada como “ideal” em seus discursos.

¹⁷² Deve-se notar que as imagens das mulheres performadas nesta revista é marcada pela branquidade como horizonte estético-racial. Apenas o corpo branco é apresentado como corpo feminino, e como corpo belo, jovem, elegante, educado. Este é um modo de racialização, em que as imagens normativas da feminilidade que a revista institui situam-se em um horizonte distante da realidade multi-étnica do país. O horizonte racial apresentado pela revista é um modo de reiterar as hierarquias eurocênticas de raça e cor.

Considerações finais

Nesta dissertação analisei a revista *Jornal das Moças*, mais especificamente suas capas e o suplemento “*Jornal da Mulher*”, tentando apontar indícios da feminilidade performada em suas páginas. Por meio das discussões teóricas propostas, apresento a construção de uma feminilidade que nos é mostrada como evidente mas que oculta o seu caráter histórico e contingente. A idéia era apontar as marcas e limites que delineiam corpos e sensibilidades, as práticas reiteradas que naturalizam e aparentemente fixam os sentidos de um específico modo de “ser mulher”.

Pude observar que a heterossexualidade compulsória aparece em suas páginas como ordem instituinte de feminilidade. As funções sociais de esposa, “dona de casa” e mãe aparecem de forma naturalizada na publicação e compõem o dispositivo da heterossexualidade compulsória, em meio a um discurso moralizador sobre a família. Por meio de pedagogias normatizantes, a revista apresenta também em suas imagens e textos como cuidar do corpo, as medidas adequadas, como manter o rosto jovem, como manter-se na moda. Beleza, juventude, magreza, moda, gestos e poses são discursos normativos que demandam das leitoras um trabalho constante de “aperfeiçoamento” e disciplinarização.

Por meio de imagens e textos, modos de existência subalternos são dados e reiterados pela revista. Penso que a análise proposta me permitiu apontar alguns dos mecanismos que articulam as relações de poder engendradas nos contornos da feminilidade na publicação. Para isso, pensar a prática historiográfica e a própria disciplina “história” fora de modelos totalizantes e universais foi de fundamental importância.

Pensar os discursos da revista como “acontecimentos”, como nos propõe Foucault, considerando-os em sua localidade e singularidade, me permitiu investigar algumas das relações de força que os constituem. A partir de suas condições de possibilidade, a análise da feminilidade no *Jornal das Moças* me permitiu localizar em seus discursos marcas da historicidade de suas práticas, marcas de um modo de “ser mulher” que se propõe “natural” mas que se mostra efeito de relações engendradas de poder.

Nesse sentido, foi imprescindível questionar as falsas continuidades, e pensar que são as práticas que constituem as normas, e que as atualizam, reiteradamente. Pensar os modos de

agenciamento que a revista produz, e a performatividade de uma feminilidade politicamente significada. As teorias feministas aparecem então fundamentais neste trabalho, pois me ajudaram a sinalizar o caráter hierárquico de gênero presente nas relações de poder; me permitiram apontar e criticar as categorias universalizantes dos sujeitos, que naturalizam opressões historicamente contingentes.

A crítica feminista, ao mostrar como as categorias de sexo/gênero têm historicamente fundado conceitos como o de sujeito e conhecimento, denuncia a construção política destes conceitos, questionando a legitimação de hierarquias. Aponta, então, para um horizonte múltiplo e plural – fora dos modelos androcêntricos de produção do conhecimento, e aberto às possibilidades nômades e libertárias propostas por estas teorias.

Por isso, penso as teorias feministas como ferramentas de especial importância se desejamos construir modos outros de existência no mundo; penso-as como um *locus* de fuga aos processos de normatização engendrados pelas diversas tecnologias midiáticas, institucionais etc, pelos inúmeros dispositivos de produção de corpos e sensibilidades. Concordo com Tania Swain, quando afirma que

Feministas que somos temos trabalhado, em nossas condições de produção, materiais e simbólicas, em nossos lugares de fala e de interlocução, tentando traçar caminhos de análise e ação com um objetivo comum, apesar de drapejado com cores diversas: modificar a face do mundo, das relações humanas sexuadas, em seus traços hierárquicos, assimétricos e profundamente injustos.¹⁷³

O pessoal, neste trabalho, é indissociável do político. Os feminismos, como “teorias da carne”, faz com que nos interroguemos a todo instante sobre nossa própria materialidade. Como um exercício de liberdade, faz com que pensemos sobre nossas construções e representações para melhor desfazê-las e refazê-las. Na presente análise, trata-se de desconstruir uma feminilidade-norma para abrir o horizonte de possibilidades para outros modos de existência.

Esta dissertação, exercício político de pensamento, não tem a pretensão de apresentar uma análise definitiva ou acabada das questões aqui tratadas. Trata-se de uma elaboração localizada e provisória, fundamentada por teorias ancoradas em uma proposta ativa de

¹⁷³ SWAIN, Tânia Navarro. *As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades*. 2002. Disponível em <http://www.tanianavarroswain.com.br/brasil/anhita3.htm>, em fevereiro de 2013.

transformação do mundo. Penso como Donna Haraway, quando diz que “precisamos do poder das teorias críticas (...) sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro”¹⁷⁴.

¹⁷⁴ HARAWAY, Donna. *Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo*. In: *Cadernos Pagu 5 – Situando Diferenças*: UNICAMP, 1995, p.16.

Referências Bibliográficas

- BASSANEZI, Carla. *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: Revistas femininas e relações homem-mulher: 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.
- BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. Coleção Signos. Lisboa: Edições 70, 1999.
- BORDO, Susan R. *A feminista como o Outro*. *Revista Estudos Feministas*, São Paulo, v.8, n.1, p. 10-29, 2000.
- BORDO, Susan R. *O Corpo e a Reprodução da Feminilidade: Uma apropriação feminista de Foucault*. In: BORDO, Susan R. e JAGGAR, Alison M. *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade*. 2a Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: O feminismo e a questão do "pós-modernismo"*. In: "Feminismos Contemporâneos". *Cadernos Pagu* (11) 1998: pp 11-42. Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Variações sobre Sexo e Gênero – Beauvoir, Wittig e Foucault*. In: BENHABID, Seyla; CORNELL, Drucila (orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

- CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CURIEL, Ochy. *Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista*. In: Colonialidad y Biopolítica en América Latina. Revista NOMADAS. N.26. Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos-Universidad Central. Bogotá, 2007.
- CURIEL, Ochy. *Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde America Latina y Caribe*. Ponencia presentada en el Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista. Buenos Aires, junio de 2009. Disponible en línea en http://www.feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf , em setembro de 2012.
- DECARRIES, Francine. *Teorias feministas: liberação e solidariedade no plural*. In: SWAIN, Tania Navarro (org.). Feminismos: Teorias e Perspectivas. Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. V.08, n.1/2, Brasília: UnB, 2000.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Teoria e Método dos Estudos Feministas: Perspectiva Histórica e Hermenêutica do Cotidiano*. 1992.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 6ª Edição, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 9ª Edição, 2003a.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. 15ª Edição. São Paulo: Ed. Graal, 2003b.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. 29ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- GÓES, Fred, e VILLAÇA, Nízia. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

- HARAWAY, Donna. *Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo*. In: Cadernos Pagu 5 – Situando Diferenças: UNICAMP, 1995.
- LAURETIS, Teresa de. *A Tecnologia do Gênero*. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. *Corpos que escapam*. In: Labrys: Revista eletrônica de estudos feministas. Brasília, n.4, agosto/dezembro de 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Os anos JK: industrialização e o modelo oligárquico de desenvolvimento rural*. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, e FERREIRA, Jorge (org.). *O Brasil Republicano – O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Mulheres na historiografia brasileira: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada*. In: STEVENS, Cristina e et. Al. (orgs.). *Gênero e feminismos: convergências (in)disciplinares*. Brasília: Ex Libris, 2010.
- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Sobre gênero, sexualidade e O segredo de Brokeback Mountain: uma história de aprisionamentos*. In: STEVENS, Cristina M. T., e SWAIN, Tânia Navarro (org.). *A Construção dos Corpos. Perspectivas feministas*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2008.
- RAGO, Margareth. *A História repensada com ousadia*. In: JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2004.
- RAGO, Margareth. *As Marcas da Pantera: Foucault para historiadores*. In: Revista Resgate. São Paulo: Centro de Memória de Unicamp, 1993.

- RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história*. In: PEDRO, Joana Maria, e GROSSI, Miriam Pillar (org). *Masculino, Feminino, Plural: Gênero na interdisciplinaridade*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2000.
- RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v.4, n.5, p.17-44, jan./jun. 2010.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *A insustentável visibilidade do corpo*. In: Labrys: Estudos feministas. Brasília, n.4, ago/dez de 2003.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- SCHIAVINATTO, Iara Lis. *Falar de um incômodo não é falar mal*. In: SILVA, Zélia Lopes da (org). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: Editora UNESP, 1995.
- SCOTT, Joan Wallach. *Prefácio a Gender and Politics of History*. In: “Desacordos, desamores, diferenças”. *Cadernos Pagu* (3) 1994. Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP.
- SPINK, Mary Jane (org). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas*. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2004.
- SWAIN, Tânia Navarro. *As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades*. 2002. Disponível em <http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/anhita3.htm>, em fevereiro de 2013.
- SWAIN, Tânia Navarro. *Apresentação*. In: OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. *Por uma história do possível – Representações das mulheres incas nas crônicas e na historiografia*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas “Femininas”*. In: *História: Questões & Debates*, n. 34. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

SWAIN, Tânia Navarro. *Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade*. In: STEVENS, Cristina. *Maternidade e feminismo – diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

SWAIN, Tânia Navarro. *Velha, eu? Auto-retrato de uma feminista*. 2006. Disponível em <http://www.tanianavarroswain.com.br/chapitres/bresil/velha.htm>, em outubro de 2012.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WEEDON, Chis. *Feminist Practice and Poststructuralism Teory*. Oxford: Blackwell, 1997.

WITTIG, Monique. *Ninguém nasce mulher*. 1980. Disponível em: <http://mulheresrebeldes.blogspot.com/2009/04/ninguem-nasce-mulher.html>, em setembro de 2012.

Fontes/revistas:

Jornal das Moças. Semanário. 33 exemplares. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças, 1960.